

CLARE LUCE-EMBAIXADORA DOS TRUSTES DE PETRÓLEO

ANO I — RIO, SEMANA DE 24 A 30 DE ABRIL DE 1959 — N.º 9

A nomeação da sra. Clare Boothe Luce para Embaixadora dos Estados Unidos no Brasil está sendo alvo de violentas críticas, nos últimos dias, no Congresso de Washington.

O Senador Janque William Fulbright disse que tem recebido "quantidade fabulosa" de cartas de eleitores seus, protestando contra a nomeação da Embaixadora. Embora o nível maior das críticas dos senadores "democratas" tenha sido a hostilidade "republicana" que lhes vota a Sra. Luce, as razões dos protestos contra a vinda da Embaixadora são as mesmas: sua atuação como representante de seu País na Itália, quando ela usou e abusou de seu cargo e poderes para intervir abertamente na vida política interna italiana, em apoio ao partido fascista e para forçar a entrega do petróleo italiano aos grandes trusts yanques.

Dada a semelhança da situação em nosso País, o exemplo do petróleo deve chamar particularmente a atenção dos nacionalistas brasileiros, empenhados na defesa da Petrobras. Durante os três anos e meio em que foi Embaixadora na Itália, a Sra. Luce fez para "associar" a Standard Oil e a Gulf à empresa petrolífera (ENI) do Estado Italiano.

Sobretudo em março de 55 sua campanha se tornou aberta e desavergonhada. O governo italiano procurava então um crédito no "Eximbank", para realizar o "Programa Decenal de Desenvolvimento Econômico" o chamado "Plano Vanoni".

Além de porta-voz da política colonialista do Departamento de Estado norte-americano, está diretamente ligada aos monopólios — O que fez na Itália em 1955

A concessão do crédito, entretanto, ficou abertamente condicionada, pela Embaixadora Luce, à entrega do petróleo da península aos trusts yanques. Mesmo uma nota "Lei dos Investimentos Estrangeiros", promulgada pelo governo italiano com o objetivo de abrir privilégios para o capital imperialista, e a intenção de "amolecer" os donos do Eximbank, não bastou para vencer a resistência da enviada do Departamento de Estado em Roma. Ela não fazia por menos: queria a entrega do petróleo.

Isto é a própria Sra. Luce o disse, letra por letra, numa entrevista que concedeu ao jornal italiano "Globo", no dia 3 de março de 55. O repórter lhe perguntara se a nova lei de investimentos poderia facilitar a chegada de capitais yanques na Itália. Respondendo a Embaixadora:

"Onde são maiores os lucros mais numerosos chegam os capitais. Naturalmente a conveniência econômica deve associar-se a uma certa segurança política. A nota lei deve acelerar a atração de capi-

tais americanos. Muito depende ainda da política petrolífera do governo italiano, constituem um bom índice da segurança e da receptividade de um mercado. Muitos ca-



Clare Luce, na vida do teatro, prefere, como amadora, o papel de Cêndida, da peça de Bernard Shaw, em cenas românticas como a da foto. Na vida diplomática, em que também não é de carreira, prefere o papel de Embaixadora Esso.

E' obtido que os investimentos petrolíferos, seja pelo seu valor ou pelo seu longo prazo, capitalistas particulares preferiam ser induzidos a investir seus capitais em outros ativi-

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

dades [italianas se vêem que e incluem as sociedades petrolíferas.]

NAO É "POLITICA PROPRIA"

Na "Comissão de Relações Exteriores" do Senado yanque, no último dia 15, a sra. Luce foi acusada pelo senador Wayne Morse de ter aplicado uma "política petrolífera própria" na Itália, no exercício da função para introduzir naquele país a Gulf e a Standard. A embaixadora negou que aquela fosse uma "política própria", e os fatos lhe dão razão. Embora, através de seu marido, Henry Luce, (proprietário das revistas "Time" e "Life") ela seja diretamente ligada aos grupos do petróleo — Rockefeller, Morgan, Mellon, etc, suas gestões na Itália foram aciosamente apoiadas pelo Departamento de Estado de Washington. Isso ficou particularmente claro durante a viagem do ministro do Exterior Italiano Mario Scelba à Capital norte-americana, naquele mesmo mês de março de 55. Scelba fazia um esforço para conseguir diretamente de Dulles o consentimento para o crédito do Eximbank, mas encontrou a mesma resposta: o preço era o petróleo.

Já haviam sido então localizadas importantes jazidas de petróleo, na Itália. Na região do Ragusano, as reservas comprovadas subiam a 200 milhões de toneladas; as prováveis, em torno de 200 bilhões de toneladas. Havia também grande estorno no país com o petróleo recentemente descoberto na região de Alghero.

"Branco-ruivo", confessou a Sra. Luce agora, para a Comissão de senadores yanques, este foi uma vitória, em emenda para o partido dos imperialistas da Itália, mas certamente a subordinação desta política a dos Estados Unidos, que ela executava não poderia ser posta em dúvida.

Por essa forma que a senadora Luce atendeu ao senador Morse, que lhe pediu uma declaração sobre a questão do petróleo, dada a política brasileira de manter um monopólio petrolífero estatal, e de modo que tivesse entendido que a senadora possuía essa política — a de patrocinar a exploração do petróleo por companhias multinacionais no Brasil.

Ficou assim claro, pelo depoimento da própria embaixadora, que ela continuava no Brasil a "política salina" que aplicou na Itália: como no silêncio, na Câmara o deputado Gabriel Passos, ela não se — se for confirmada a sua nomeação — semiautônoma enviado do governo yanque com a missão principal de apertar o cerco em torno da Petrobras.

GANGSTERS

A opinião pública brasileira acompanha com crescente perplexidade as sucessivas e rumorosas tentativas da polícia norte-americana, com a cumplicidade servil da polícia brasileira, no sentido de fazer embarcar à força para os Estados Unidos o americano William Douglas, contra o qual pesam naquele país acusações de vários crimes.

No caso, o que menos importa é a condição de delinqüente que se atribui a Douglas. Impressionante é o descaramento com que policiais de um país estrangeiro agem no Brasil, como se aqui gozassem do direito de extraterritorialidade, revelando absoluto desprezo pelas leis e pela soberania nacional.

As tentativas para expulsar do país o ladrão-de-gado norte-americano são revestidas, como se sabe, do mais flagrante desrespeito às normas legais, posto que a situação de Douglas está pendente de decisão da justiça brasileira. Não obstante, a polícia do general Krul não hesita em violar as leis e cometer um ato arbitrário, a fim de cumprir à risca as ordens em inglês do famigerado FBI.

A esta altura, já não pode haver dúvida de que a extradição ilegal vem sendo tentada sob a pressão direta e ostensiva da polícia norte-americana e do governo dos Estados Unidos. Toda a imprensa carioca registrou o escândalo ocorrido sábado último no Galeão, quando um cônsul norte-americano, um agente do FBI, um delegado e dois investigadores do DESP espancaram William Douglas e tentaram metê-lo à força num avião norte-americano, rumo à cadeia elétrica.

Pode haver indício mais claro e chocante da intervenção aberta dos Estados Unidos em nossa vida interna? Se num simples episódio da crônica policial os beagüins do FBI se arrogam o direito de espezinhar as leis do Brasil e violar a soberania nacional, que não farão quando estiverem em jogo interesses mais substanciais dos senhores do dólar?

Razão assiste ao «Diário de Notícias», quando escreve em editorial alusivo ao fato: «Não é possível disfarçar a gravidade desse desrespeito de agentes de um governo estrangeiro ao do Brasil, os quais agiram com a semcerimônia e a truculência com que outrora operavam as antigas tropas de ocupação de pequenos países centro-americanos nos famosos «desembarques» característicos do imperialismo norte-americano em sua fase de maior agressividade, virulência e desenvoltura».

A opinião pública não pode admitir que o governo brasileiro, representado no caso pelas autoridades policiais, seja cúmplice desses atos infamantes de gangsterismo. Não é suficiente que o Presidente da República tenha interferido pessoalmente para impedir a extradição ilegal.

O que o povo exige é a punição exemplar dos brasileiros sem brio que ajudaram os tiras do FBI a rasgar nossas leis e desrespeitar nossa justiça.

FIQUE POR LÁ

Gabriel Passos, Aurélio Viana e Neiva Moreira protestaram contra a nomeação da embaixadora Esso

O debate no Senado yanque em torno da nomeação da sra. Clare Luce para Embaixadora no Brasil repercutiu no Congresso brasileiro. O deputado Gabriel Passos, Aurélio Viana e Neiva Moreira ocuparam a tribuna, a fim de chamar a atenção de seus pares para a gravidade da situação. Em seu discurso, o deputado Gabriel Passos ressaltou

que a política desenvolvista pela sra. Luce na Itália não se devia a nenhuma peculiaridade da Embaixadora, mas, pelo contrário, é a política tradicional do Departamento de Estado, que sempre interpreta os desejos dos trusts petrolíferos yanques. Mas a sra. Luce, além de ser fiel a esta orientação do Departamento de Estado, é ainda diretamente ligada às companhias de petróleo de seu país. Por isso, concluiu o sr. Gabriel Passos, não interessa ao Brasil que venha para cá a sra. Luce, pois aqui já temos, larga experiência e em as pressões políticas e econômicas da Embaixada norte-americana.

O deputado Neiva Moreira, por outro lado, chamou a atenção para a conexão entre o aumento da pressão sobre a Petrobras e a nomeação da sra. Luce. O representante do PSP fez então um apelo à Frente Parlamentar Nacionalista para que tivesse posição pública e protestasse contra a nomeação da sra. Luce.

VELASCO DENUNCIA 2 ANGS DE SAQUE DO BRASIL:

Entraram 1.095 Milhões De Dólares Sairam (Oficialmente) 2.020 Milhões

Na semana passada, o deputado Domingos Velasco denunciou na Câmara um breve discurso, no qual retratou, com simplicidade, mas de modo eloquente, a autêntica sangria de que a vítima Brasil, por parte dos capitais estrangeiros, e represália, não menos, não fez nada que alinhava números: aqueles que representam entradas de capital estrangeiro, os que representam a saída do país, saldo negativo, saldo contra o Brasil — é impressionante.

Em 1958, com efeito, com o aumento dos investimentos estrangeiros, empréstimos e financiamentos entraram no país 11,4 milhões de dólares, o saldo oficial foi de 200 milhões com um déficit de 106 milhões graças a Brasil; em 1959, 250 milhões foram investidos no Brasil, o déficit de 128 milhões; em 1957, foram 34 milhões reconvertidos em investimentos, isto é,



Deputado Domingos Velasco

esses os capitais estrangeiros entraram no Brasil que foram 10,9 milhões e o déficit de 141 milhões; fi-

nalmente, em 1958, as entradas foram de 11,4 milhões e as saídas de 12,4 milhões, o déficit de 1 milhão; em 1959, as entradas foram de 11,4 milhões e as saídas de 13,4 milhões, o déficit de 2 milhões.

Dólares que entraram: 1.095 milhões.
Dólares que saíram: 2.020 milhões.
Déficit contra o Brasil: 825 milhões.

QUANTIA ASTRONÔMICA

É importante assinalar que o deputado Domingos Velasco citou apenas outras cifras. Entretanto, sabe-se que o Brasil, estrangeiro, de 1958, saiu do país como superavitariamente, a remessa sob a forma de domínios e outros, extras, o que, se computado elevaria sensivelmente a saída total de 2.020 milhões de dólares, portanto, se nos limitarmos ao déficit de 825 milhões de dólares e tomarmos

uma taxa média de câmbio de 480 cruzeiros por dólar, para as quatro primeiras semanas de maio de 1959, saíram do Brasil cerca de 9 bilhões de cruzeiros, quatro bilhões e 200 milhões de cruzeiros, a diferença de 5 bilhões e 800 milhões de cruzeiros em 1959.

CONCLUSÃO LÓGICA

Um país que exporta 4 bilhões de dólares, tributa o produto de sua indústria e que se empobrecerá com 922 milhões de dólares por ordem de seus finanças — de sua economia? Esta pergunta feita pelo deputado Velasco ao analisar o seu discurso, é uma conclusão lógica que se impõe. Revela a credulidade esférica da atual política econômico-financeira do governo, no que concerne ao privado, aos investimentos estrangeiros e de empréstimos, a acelerado do Brasil. Ainda se tem por em dúvida a necessidade de limitar as remessas de capital estrangeiro?



FRONDIZI CONTRA FRONDIZI

Frondizi — o anti-Peron? Frondizi — o antiimperialista convulso? Frondizi — a salvação da Argentina?

Era mais ou menos esta a qualificação de Arturo Frondizi ao candidatar-se a Presidência da República Argentina, pelo Partido Radical, há pouco mais de um ano.

Vai completar-se a 1. de Maio o primeiro aniversário da subida de Frondizi ao governo. E antes disso o Presidente em realização já a geração completa de tudo quanto prometeu ao povo e aos trabalhadores.

1. Antes de tudo, elaborou uma verdadeira plataforma de luta antiimperialista. Di- viuçou em livro que durante algum tempo se transformou numa espécie de bíblia do nacionalismo na América Latina: seus conceitos do processo democrático no Continente sul-americano, de resistência e combate à penetração do imperialismo em nossos países.

2. Prometeu solenemente "redemocratizar" a Argentina, varrer o que considerava as sequelas do "justicialismo" peronista, dar plena liberdade de reunião e associação, de funcionamento dos parti-

dos políticos, imprensa livre, livre manifestação do pensamento.

3. Na frente da luta antiimperialista, Frondizi colocou a questão do petróleo argentino ante a ganância dos trustes petrolíferos internacionais, como um ponto basico de sua linha política.

4. Quanto à política externa (que nos governos anteriores revelou uma certa dependência em relação à quase totalidade dos países latino-americanos) Frondizi fez da independência da política exterior argentina um dos principais pontos de sua plataforma de candidato. Essa opinião foi reafirmada numa entrevista e ele teve concedida a imprensa brasileira em sua passagem pelo Rio em abril de 1958. Pronunciou-se, inclusive, contrário, ao Pacto do Rio de Janeiro, aliança de compromissos militares imposta pelos Estados Unidos, em 1947.

que vão até um quarto de século. Desta forma, Frondizi liquidava a Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF), cujos princípios defende tão arduamente em seu livro. A YPF tornou-se uma mera dependência dos monopólios estadunidenses.

Depois das concessões de outubro do ano passado, Frondizi acaba de favorecer outra empresa americana, a Tennessee Gas Transmission Co., dando-lhe o direito de exploração e perfuração numa zona de 14.000 quilômetros quadrados, na Terra do Fogo, pelo prazo de 25 anos.

ATENTADOS ÀS LIBERDADES

Como era natural, os trabalhadores e importantes setores do povo argentino se opuseram obstinadamente às concessões feitas por Frondizi. Os operários da indústria de petróleo de Mendoza e declararam em greve de protesto. A 10 de outubro estavam paralisados 4 milhões de trabalhadores de todas as organizações e setores em que está dividida o movimento operário argentino. A luta era ao mesmo tempo contra as concessões petrolíferas, contra as ameaças de golpe reacionário e contra a carestia de vida.

Mas a pressão externa sobre Frondizi prevaleceu. O Presidente adiou a assinatura dos acordos com as companhias petrolíferas americanas, sem contudo renunciar a elas.

A situação permaneceu tensa. Em novembro, novo movimento grevista de características políticas marceantes, em que se reclamava novamente a denúncia dos acordos do petróleo.

A 10 de novembro Frondizi decretava o estado de sítio e na madrugada de 11 realizava prisões em massa de líderes operários, mandava invadir residências em todo o país, de dirigentes operários comunistas e peronistas.

Pouco depois, resvalando pelo desfiladeiro da ilegalidade e dos atentados às liberdades democráticas, Frondizi mandava fechar os órgãos de imprensa do Partido Comunista (La Hora e Nuestra Palabra) e ocupar suas sedes. O PC argentino está hoje praticamente lançado à ilegalidade.

Nos últimos dias, a própria linguagem de Frondizi já e outra bem diversa daquela em que se apresentava como candidato democrata, em busca dos votos dos comunistas e peronistas. Frondizi acaba de investir furiosamente contra o que chamou de "ideologia das estapas", ou as ideias socialistas hoje triun-



Frondizi e o senhor com o presidente Eisenhower, por ocasião da visita que fizeram recentemente aos Estados Unidos.

CRÔNICA INTERNACIONAL

A Substituição De Dulles

A 15 de abril o Presidente Eisenhower anunciou oficialmente a demissão do Secretário de Estado Foster Dulles e a 18 a designação do Subsecretário Christian Herter para substituí-lo efetivamente no cargo.

O fato tem alta significação no campo internacional. Desde 1950 John Foster Dulles vinha dirigindo na prática a política exterior norte-americana, quando foi escolhido para conselheiro do Secretário de Estado de então, Dean Acheson. Com a eleição do candidato do Partido Republicano — o Partido de Dulles — para a presidência dos Estados Unidos, ficou ele como titular das Relações Exteriores. A reeleição de Eisenhower manteve-o à frente do Departamento de Estado.

Inegavelmente, Dulles imprimiu uma linha muito pessoal nos assuntos externos dos Estados Unidos no período transcorrido. Foi essencialmente o homem da guerra-fria, isto é, da guerra de nervos levada até aos últimos limites, como do equilíbrio à beira do abismo ou às portas da guerra — segundo suas próprias palavras. Mas, não há dúvida também que assim correspondia aos interesses dos círculos mais agressivos dos Estados Unidos. Os monopólios internacionais sediados em Wall Street jamais tiveram, de certo, um porta-voz tão fiel na política externa norte-americana. Dulles foi 100% o homem dos grupos imperialistas, dos colonialistas, dos militaristas, dos que vêem na guerra mundial a salvação do capitalismo, dos que vivem aprovados com as vitórias mundiais do socialismo.

A demissão de Foster Dulles foi motivada por doença grave, já em grau incurável. Mas seu afastamento coincide também com o malogro de sua política de "posições de força". Sua obstinação de impedir conversações com a União Soviética acaba de ser quebrada, justamente porque sua política conduziu os Estados Unidos e seus aliados a um beco sem saída. Se sua orientação prosseguisse, levaria necessariamente à guerra, quando a guerra hoje é perfeitamente evitável. Os povos não a querem, repõem a guerra como tábua de salvação, quando a coexistência pacífica entre capitalismo e socialismo pode ser uma realidade.

Não pretendemos de forma alguma que o afastamento de Dulles vai possibilitar a solução de todas as questões internacionais pendentes. As forças da guerra nos Estados Unidos, e não só nos Estados Unidos, são bastante poderosas ainda, e mesmo quando obrigadas pela opinião pública internacional (e dos Estados Unidos) a irem a conversações, tentarão por todos os meios levá-las ao fracasso.

Mas, como os homens também conseguem influir pela sua individualidade no curso dos acontecimentos (embora não de maneira decisiva), é possível que a substituição de Dulles contribua com a linha do malogro de sua política, para clarear os horizontes internacionais, desadensar a atmosfera, permitir acordos de paz que interessem vitalmente aos povos.

AGORA, O PRESIDENTE

Esse o candidato. Vejamos agora o Presidente.

Passados apenas alguns dias de sua posse no governo, Frondizi encumprou uma provocação bastante grosseira. Anunciou-se em Washington o torpedeamento de um suposto submarino soviético que rondaria as costas da Argentina. Frondizi foi nas águas dos militaristas lanques, confirmando oficialmente o fato. Depois, uma vez que não surgia qualquer comprovação da denúncia — nem as tradicionais "manchas de óleo" — viu-se forçado a manobrar para uma retirada. Mas o caso serviu para atear a história guerrilha no Continente e até navios de guerra brasileiros acabaram dando caça ao submarino fantasma, que naturalmente jamais apareceu.

O CASO DO PETRÓLEO

Todo o livro de Frondizi "A luta antiimperialista" tem como centro a questão do petróleo. O autor considera o petróleo o elo principal em que se apoiam os monopólios estrangeiros para dominar nossos países.

Mas, ficou na constatação. Ante a pressão dos trustes norte-americanos, Frondizi capitulou vergenhosamente. Assinou uma série de acordos com grandes companhias petrolíferas dos Estados Unidos, antes de terminar o ano de 58. Comprometia-se abertamente com os grupos econômicos do Banco Loeb, fazendo não simples contratos para locação de serviços, como se divulgou a princípio, mas concessões territoriais aos monopólios petrolíferos dos Estados Unidos, por prazos

fantes numa boa parte do mundo.

POLITICA INDEPENDENTE?

No terreno da política externa, como era de esperar, Frondizi também está fazendo o jogo dos imperialistas

QUANDO FRONDIZI TEM RAZÃO

Do livro de Frondizi "A Luta antiimperialista" reproduzimos, sem comentários, alguns trechos:

... Os centros imperialistas se desinteressam da anexação territorial ou ocupação militar, dado que é mais barato e menos complicado para eles que os naturais dos países dominados se governem por si mesmos" (p. 37).

... A existência de fontes petrolíferas tem levado as grandes empresas a apoiar regimes despóticos contrários à liberdade e ao progresso" (p. 41).

"Quando as empresas petrolíferas não conseguem vender por seus próprios meios os obstáculos opostos a seus desígnios, os Estados nacionais das mesmas intervêm, prestando-lhes amplo apoio com todo o seu aparelho militar e diplomático, a fim de que as empresas obtenham o que desejam" (p. 42-43).

"Os interesses petrolíferos (estrangeiros) se põem sempre ao lado das ditaduras, mantendo-as indefinidamente, enquanto lhes forem úteis ou destruidoras, quando já inúteis" (p. 43).

americanos. Ante as lutas de ruas que explodiram a 3 de abril, a polícia frondizista metralhou trabalhadores e homens do povo, fazendo um morto e 26 feridos. Seguiram-se mais de 200 prisões.

As manifestações tiveram por origem direta a chamada política de "austeridade" ditada por Frondizi, as medidas de congelamento de salários e alta dos preços — que representam um considerável agravamento das condições de vida do povo.

Frondizi tratou de encontrar um bode expiatório, desviar a atenção do povo argentino de sua política entreguista e de esfomeamento do povo. A semelhança havia sido lançada dias antes no México, com a expulsão de um diplomata soviético sob o pretexto de ter-se envolvido num movimento grevista. Frondizi repetiu o desmoralizado pretexto: acusou diplomatas soviéticos de terem intervenido e inspirado as manifestações de rua de Buenos Aires. E determinou a expulsão da Argentina de 4 altos funcionários da Embaixada da URSS e o adiamento da representação da Romênia.

Em face do desmentido categorico dado a público pelo embaixador soviético em Buenos Aires de que qualquer função da Embaixada soviética não se envolvia em questões internas da Argentina, Frondizi, instigado pelos setores mais reacionários do país e do estrangeiro, ameaça romper relações com a URSS.

FRONDIZI CONTRA FRONDIZI

Estes fatos revelam que Arturo Frondizi se transformou num bonzo a serviço dos monopólios internacionais dos Estados Unidos.

Traiu todos os princípios pelos quais dizia combater como candidato a Presidência da República.

Corrompeu a pressão dos trustes norte-americanos — de petróleo, seguindo uma política petrolífera contrária

àquela que é próprio advogado em favor da nacionalização dessa riqueza nacional.

Atenta contra as liberdades democráticas. Seu governo tem sido, em um ano apenas, uma sequência de estados de sítio para poder golpear as organizações sindicais operárias, partidos políticos democráticos e antiimperialistas, a imprensa que mais arduamente combate o domínio do capital estrangeiro no país.

Submete a política externa argentina aos interesses estrangeiros. Lança-se contra a União Soviética, embora sejam de selva conhecidos os esforços do governo soviético por manter boas e amistosas relações com a Argentina, fazendo-lhe importantes concessões na esfera do comércio para favorecer a industrialização e seu progresso.

Este, em resumo, o primeiro ano do governo de Arturo Frondizi, ex-teórico do antiimperialismo, hoje transformado em valete do imperialismo.

O "VENDEDOR" FRONDIZI

"Frondizi foi aos Estados Unidos vender seu programa econômico e sua filosofia de governo privatista e antiestatizante ao mundo de negócios americano, que ficou entusiasmado com essa abertura de portas da economia argentina ao capital e à técnica estrangeiros".

(Da revista norte-americana "Visão" (edição em português) de 6 de fevereiro de 1959)

CODOVILLA. "FRONDIZI SERVE AOS TRUSTES"

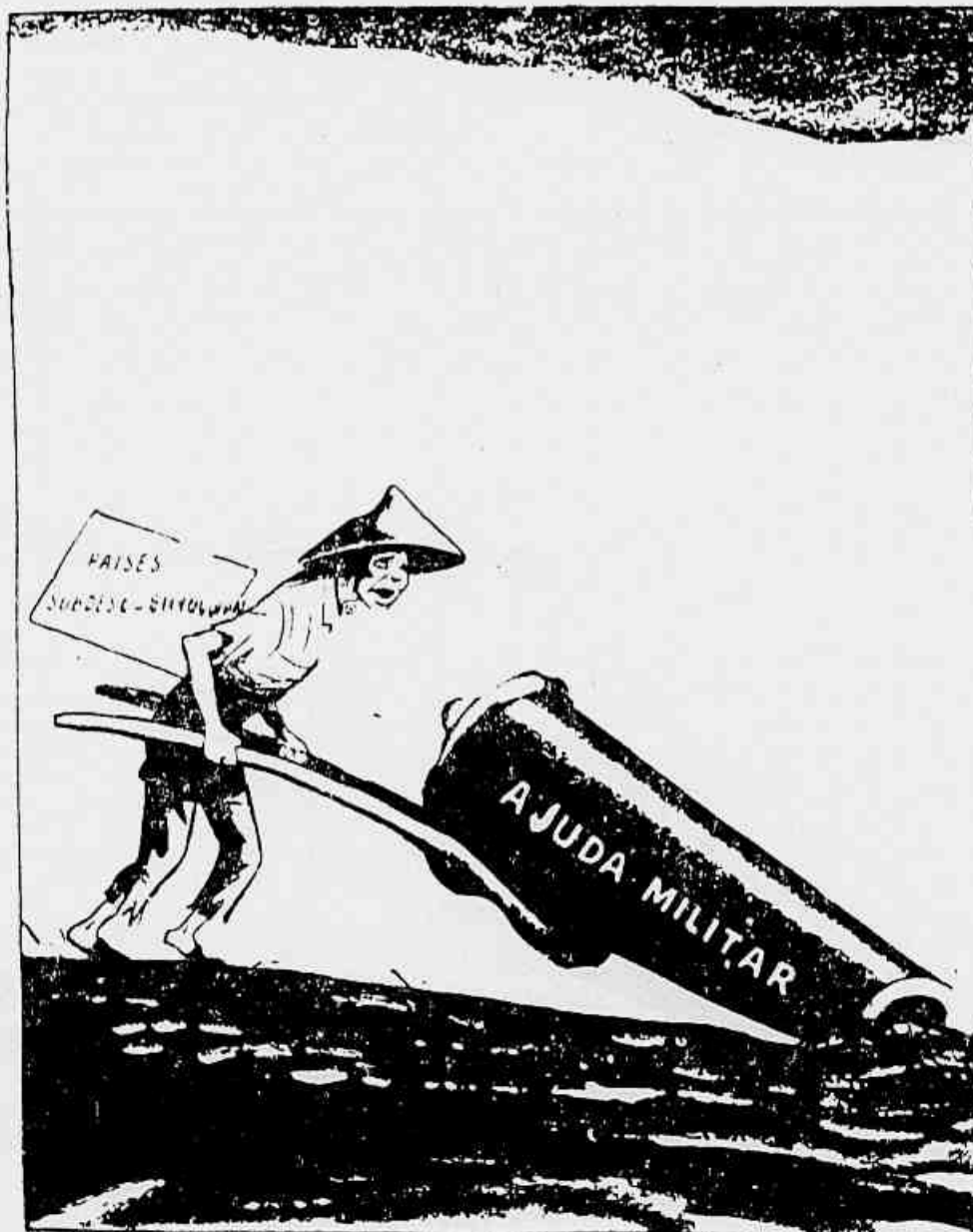
Em entrevista que acaba de conceder ao jornal chileno "El Siglo", o secretário-geral do Partido Comunista Argentino, Víctorio Codovilla, afirmou que a política atual do governo Frondizi é antidemocrática, anti-progressista e pró-imperialismo norte-americano.

Codovilla acrescentou que o governo Frondizi passou a servir numa extensão sem precedentes aos interesses dos grandes proprietários de terras, dos grandes capitalistas e dos trustes, particularmente norte-americanos. Ao mesmo tempo, descarrega sobre os trabalhadores a pressão provocada pela crise econômica do país.

O líder comunista argentino acrescentou que o governo deve ser obrigado a mudar sua atual política, no sentido da realização da reforma agrária, de uma melhor distribuição da renda nacional, da democratização dos órgãos estatais, de uma política externa independente.

Codovilla afirmou que as recentes manobras navais conjuntas da Argentina e Estados Unidos, assim como as explosões atômicas americanas no Atlântico Sul, no último outono, mostram que os países da América Latina poderiam ser arrastados a uma guerra premeditada pelos imperialistas contra os países socialistas, a menos que os povos da América Latina sejam mobilizados para se oporem a isto.

COM ISSO NÃO SE PODE ARAR...



NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Aguiar
Editorial — Otávio Bonfatti
Secretário — Francisco Carlos Borges
REDATORES
Amar, Mateo, Ibañez, Paulo, Meta, Lina, Nilda da Graca, Luis, Guadalupe
MATEIZ
Endereço: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, 3-1712 —
Telefone: 42-7344
Governador — Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S-905
Edição telegráfica — NOVOS RUMOS
ASSINATURAS
Anual — Cr\$ 250,00
Semestral — Cr\$ 130,00
Trimestral — Cr\$ 70,00
Arrecadação sem registro, despesas a parte
Número atrasado — Cr\$ 5,00
Número atrasado — Cr\$ 8,00

Tiradentes — Símbolo Da Luta Pela Independência Nacional



Com o passar dos anos, a figura de Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes — mais se engrandece perante o povo, perante a Pátria que é seu companheiro da Inconfidência sonharam livre e grande Alentaram eles belos e nobres sonhos. E transcorrido 167 anos do seu sacrifício, esses sonhos têm o fulgor dos primeiros clarões de aurora. "As leis seriam favoráveis ao novo e a república teria diversos parlamentos subordinados a um central. Montar-se-lam fábricas... As mulheres que tivessem um certo número de filhos receberiam prêmio por conta do Estado. Não haveria mais tropa paga; todos os cidadãos seriam alistados e peçariam em armas quando fosse necessário, voltando depois as suas ocupações. Os dia- ntales seriam livres. Quit- tar-se-lam os cartórios para conceber uma nova ordem."

Não importa que os sonhos transbordassem um tanto do leito da realidade.

Com Tiradentes e seus companheiros os homens do povo começavam a ter consciência de seu grande país como nação consciente de sua fôrea e da possibilidade de viver para sempre o juízo do colonizador estrangeiro. As indústrias eram interditadas pela Metrópole — reclamavam indústrias nacionais. Proibia-se a imprensa — devia haver órgãos de imprensa no próprio país. O comércio estava sob o mais rigoroso monopólio dos reinos — reivindicava-se o comércio livre com todos os países e a liberdade de navegação. "Vivera feliz o povo e não arrastaria miséria no meio de tantas riquezas" — monopolizava Tiradentes.

Passou na força a audácia de definir o juízo colonial. Mas seu sangue não seria derramado em vão. Seus descontentes foram amplificados pelos dominadores, o que não impediu a continuação lutando pela liberdade, pela independência nacional.

E a luta jamais cessou. Apenas três décadas depois da execução de Tiradentes era proclamada a independência política do país. Vieram mais tarde, através de outras lutas do povo, a Abolição e a República.

Silvio Romero escreveria com justeza sôbre a Conjuração Mineira:

"A Inconfidência não chegou a ser uma realidade prática mas uma realidade doutrina. Era necessário que a santa utopia fosse descida pela história do tempo, era misto que o sangue uberrimo dos heróis marcasse os focos brilhantes em que a alma deste povo deve revigorar-se para avançar. Abençoados os poetas e corações ardentes que a ideia

ram abençoado o mártir que a imortalizou sobre os detritos do cacafuzo... Aquel, dentre os gemidos das "ordinadas" que pedem liberdade, dos proletários que pedem trabalho, dos meios que pedem luz do povo que pede justiça, abençoar com Cláudio, amor com Arcen, sofrer com Alvenara, salvar-no ouvir, em esta que abeca de Tiradentes, acor- dando os ecos da emancipação os tons imensos do patrio- tismo..."

São as sementes lançadas em terra fecunda pelos inconfidentes mineiros, vermos-nos em todo o país e deram fructos.

Como seus bravos antepa- sados de 1792, os brasileiros de hoje não permitem mais tutela estrangeira alimentando o ódio cerrado aos que exploram e pilham suas riquezas, quem em Brasil livre não só políti- camente mas economicamente. Querem uma Pátria soberana e próspera, onde viva um povo feliz.

Reformas De Base: PTB Na Ofensiva

Regime de urgência para direito de greve, lei de previdência, Eletrobrás, extensão da legislação trabalhista ao homem do campo

Se funcionar ou não o esquema para a área parlamentar sobre o qual, tendo em vista a sucessão, deverá ser revigorada a aliança PTB-PSD, é o que ainda não se sabe. Certo, porém, é que o sr. João Goulart, decidido a recuperar prestígio e popularidade, seriamente comprometido pela posição de omissão que vinha tomando nos últimos tempos diante das lutas reivindicatórias do povo e dos trabalhadores, quer dinamizar o PTB e lançar suas bandeiras parlamentares à batalha das anunciadas reformas de base.

Ao mesmo tempo em que os diversos grupos de trabalho do PTB aceleram os estudos e a preparação de projetos relacionados com as diversas emendas constitucionais contidas na plataforma apresentada à Câmara pelo deputado San Tiago Dantas, a bancada trabalhista, tanto no Palácio Tiradentes como no Senado, articula-se para uma primeira ofensiva, tendo como objetivo a aprovação de alguns projetos ainda da legislatura passada.

Segundo anunciou o sr. Fernando Ferrari em entrevista coletiva aos jornalistas credenciados na Câmara, esta semana os líderes da maioria pedirão urgência para os projetos que tratam da reforma da Previdência Social (Lei Orgânica), regulamentação do direito de greve, instituição da cédula única para o voto majoritário, extensão da legislação trabalhista ao homem do campo, Reforma Administrativa (mensagem de Vargas), Eletrobrás e alguns outros, cujo levantamento foi confiado ao depu-

disciplinando os investimen- tos estrangeiros em nosso país, e, finalmente, nova tentativa de liquidar os efeitos do veto presidencial no § 2º do artigo 52 da nova Lei do Imposto de Renda (reevaliação do ativo das empresas estrangeiras), através de lei ordinária.

Alguns desses projetos, especialmente aquele que estabelece o Estatuto Jurídico do Trabalhador Rural, que na legislatura passada foi ostensivamente combatido e sabotado pelo PSD, servirão como teste para a viabilidade do esquema traçado, tendo em vista a manutenção da aliança dos dois grandes partidos da maioria para a apresentação de candidatos à sucessão dos JJ.



Errar é humano. Insistir no erro é que é das bestas. Tem portanto direito a uma larga margem de tolerância o macaco Pituca. Segundo o noticiário de polícia (que tem a ver a polícia com os macacos?) o macaco Pituca, brasileiro, moreno de 9 anos de idade, um metro de altura e sem profissão, fugiu da casa de sua mãe, Sra. Georgina Bezerra, invadiu o Bar Cosme Damião, na Rua Santo Hilário, retirou uma garrafa de cerveja da prateleira, quebrou o gargalo e bebeu o conteúdo de um trago. A seguir promoveu tremendo quebra-quebra.

Enquanto isso os responsáveis pela política externa dos Estados Unidos continuam usando o direito humano de errar. Mas o pior é que insistem no erro. Veja-se esse caso da sra. Clare Boothe Luce.

E' conhecida a identidade da sra. Luce e de seu marido, um magnata da imprensa, com o que há de mais reacionário nos Estados Unidos. O grupo representado pela sra. Luce, simpático durante a guerra ao hitlerismo, combateu a política de Roosevelt, de aliança de todos os governos interessados em impedir a vitória do nazismo. Agora mesmo a sra. Luce ainda agrediu Roosevelt, afirmando que através de mentiras aquele estadista empurrou a América do Norte para a guerra. Na Itália, interfeiriu a sra. Luce como macaco em casa de louca, na política interna do País e auxiliou os neofascistas que hoje levantam de novo a cabeça.

Os srs. Gabriel Passos e Neiva Moreira protestaram na Câmara contra a vinda para o Rio de Janeiro da sra. Luce. Lembraram que o objetivo constante dessa senhora e a defesa dos interesses dos trusts americanos do petróleo. A designação da sra. Booth Luce para o Brasil coincide com a intensificação de uma campanha entreguista contra a Petrobrás. O sr. Neiva Moreira observou que o Departamento de Estado frequentemente transforma em diplomatas antigos cabos eleitorais, agentes de companhias de seguros e outros indivíduos desse gênero. E o sr. Gabriel Passos, por sua vez, lembrou o procedimento de certos embaixadores americanos que aqui no Brasil se utilizam do posto, exercendo «pressões suaves» na área de nossa soberania.

Mas «O Globo» viu todas essas coisas de um ângulo diferente. Falando, embora sem delegação, em nome do Governo e do povo do Brasil, aquele porta-voz do entreguismo aludiu a uma inquietação que se verificaria em nossas plagas, ante as objeções levantadas no próprio Senado de Washington, a respeito da exportação de uma ostensiva representante dos trusts do petróleo e da extrema direita para o lugar de embaixadora no Rio. «Que possa a ilustre senhora vir para o Brasil», eis os votos do «O Globo».

O sr. Roberto Marinho não bebe cerveja. Prefere bebidas mais aristocráticas. O agregado João Neves, a conselho médico, toma leite morno. Mesmo assim patricam mais desatinos que o farrista Pituca.

«Em toda a história da humanidade não há nenhum capítulo mais rico de lições para o coração e para a inteligência do que o da análise dos erros». E de Schiller esse elogio da autocritica. Mas não devemos exigir que o macaco Pituca, os diplomatas ianques e os diretores do «O Globo» compreendam Schiller.

GREVE E PREVIDÊNCIA: MUTILAÇÃO NO SENADO

A Comissão de Legislação Social do Senado está mutilando o projeto de Lei Orgânica da Previdência Social, oriundo da Câmara dos Deputados, e que contou com a colaboração das Organizações sindicais — declarou à reportagem de NOVOS RUMOS o sr. Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito Federal.

— Uma das emendas — acrescentou o líder metalúrgico — desobriga o governo da cota de contribuição que lhe cabe atualmente, obri-

gando-o apenas, ao pagamento do funcionalismo autárquico, cuja soma não vai além de 3 por cento das despesas dos Institutos. Outra emenda inaceitável para os trabalhadores e a que determina

sejam as instituições de previdência dirigidas por uma junta composta de representantes indicados pelas Confederações de empregados e pelo Governo, a quem delegando embora a administração da junta. Essa emenda — concluiu — tem o objetivo de evitar que os trabalhadores, através de assembleias sindicais, possam participar da eleição do seu representante para a direção dos seus órgãos de previdência.

PROJETO CONTRA A GREVE

Mas não é só o projeto de Lei Orgânica da Previdência Social que está sendo modificado para pior. Conspiração acionada os líderes sindicais, também o que regula o direito de greve tem sendo alvo de investidas con-

trárias aos interesses dos trabalhadores. Nesse sentido, o Senador Lamare Belmont, autor, além da Lei de Separação, fez as seguintes declarações: Trata-se de expor o problema, para ser mais claro do projeto os artigos que permitem a declaração das greves simbólicas, que permitem a deflagração de greve sem o controle dos sindicatos, e que conferem minoridades aos membros dos "piquetes".

Tomando conhecimento dessas e de outras emendas, que contrariam o pensamento dos trabalhadores, expresso em várias conferências e conferências, as entidades sindicais de todo o país começaram a se mobilizar dirigindo seus protestos ao Senado visando a impedir que os seus interesses venham a ser prejudicados.

D. JAIME E PRESTES

Durante vários dias e coincidindo com a visita de Prestes ao Rio Grande do Sul, alguns jornais veicularam a informação de que o líder comunista havia solicitado uma entrevista ao cardeal D. Jaime Câmara. Podemos informar essa absoluta segurança que não houve tal pedido da parte de Prestes, cujo programa de contatos e entendimentos com diferentes personalidades não cogitava da mencionada entrevista.

Mas, a simples charge jornalística assumiu nos olhos vigilantes e assustados do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro a aspecto de terrível cilada. Sua Eminência se apressou a tornar público que não receberia Prestes, acrescentando tratar-se de uma emboscada comunista...

Essa reação, sem dúvida, Reveladora, antes de tudo, de um sentimento discriminatório nada cristão. Quando D. Jaime sua palavra de alto hierarquia da Igreja mexicana para os que professam a religião católica? Mas, mesmo fugindo no terreno doutrinário, a verdade da experiência mostra que a vida une a todo instante católicos e não católicos, crentes e ateus, em movimentos, campanhas e lutas de interesse comum. Mais ainda, Sacerdotes católicos, efetivamente ligados ao povo, marcham constantemente ao lado de protestantes, espíritas, comunistas, trabalhistas, possedistas, possepietas, udenistas, etc., sem nenhuma discriminação de caráter filosófico, ideológico, religioso ou político. Num exemplo, dentre muitos nos é dado pela ativa participação do padre Albino Doná no movimento contra a carestia em São Paulo, integrando a sua Comissão Coordenadora. E que falto da participação de sacerdotes católicos, como ocorre na Tchecoslováquia, em altos cargos de governo nas democracias populares?

Por outro lado, é claro que Prestes, se realmente tivesse solicitado uma audiência, não seria para discutir com D. Jaime questões religiosas, mas para uma troca de opiniões, como faz com homens públicos de diversas tendências, sobre os problemas que afligem nosso povo. Será insensível a esse problema o arcebispo do Rio de Janeiro? O que Sua Eminência procura demonstrar, em manifestações públicas frequentes, é o contrário. Mas sua revelada intolância leva a outra conclusão. Significa recusa a tentar influir ou somar esforços no sentido da busca de soluções para aqueles problemas. E essa atitude só se pode justificar em que não se ja movido pelo empenho de aliviar nosso povo das aflições que o atormentam.

Injustificável também nos parece o recuo que teve o cardeal de ser vítima de uma emboscada comunista. Pois é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que passar pela nossa cabeça a ideia de que D. Jaime sentisse temor de ver suas profundas convicções filosóficas e religiosas abaladas numa palestra com Luiz Carlos Prestes.

Ameaçado De Cair o Tripé Entreguista

Fatos que dão origem às notícias sôbre o afastamento de Lucas Lopes, Roberto Campos e Garrido Tôrres

Vem circulando com insistência, nos últimos dias, a notícia de que o sr. Lucas Lopes estaria com seus dias contados no Ministério da Fazenda, e que a sua demissão importaria na substituição simultânea dos srs. Roberto Campos, da presidência do BNDE, e Garrido Tôrres, da SUMOC. Ficaria, assim, lesmentado o tripé do entreguismo no selo do governo principal responsável pela aplicação da desastrosa política econômica e financeira imposta pelo Fundo Monetário Internacional.

NAO HA FUMACA SEM FOGO

Tão insistentes foram os boatos, que o próprio sr. Lucas Lopes sentiu necessidade de desmentir de público esse de saída do Ministério que ocupa. Entretanto, se no círculo político mais elevado ao Catefe, nega-se estar nas cogitações do Presidente da República a substituição do atual titular da Fazenda, três fatos são apreendidos como origem das notícias que circularam e suscetíveis mesmo de conduzir o governo à necessidade de iniciar imediatamente a reforma minis-

terial pelo setor afetado ao sr. Lucas Lopes.

São os seguintes esses três fatos:

1. — Sem audiência prévia do sr. Juscelino Kubitschek, o ministro da Fazenda e o embaixador Anaral Poixoto teriam concordado com a exigência imposta pelo Fundo Monetário Internacional, como condição indispensável para a conclusão de novos empréstimos de elevação da atual taxa de câmbio.
2. — Os Bancos, segundo informação confirmada pelo sr. Paes Leme, presidente do Banco do Brasil e desmentida pelo sr. Garrido Tôrres, seriam liberados da obrigação imposta pela Portaria 125 de recolher 30% dos seus depósitos à SUMOC. Acrescenta-se que essa notícia estaria mobilizando a indústria na-

cional, principalmente a indústria paulista, no sentido de exigir do governo medida que, elevando o montante dos meios de pagamento, viesse a enfrentar. E os Bancos já estariam se preparando para não mais efetuar aquele recolhimento.

3. — Finalmente, aponta-se como fato diretamente ligado à saída do sr. Lucas Lopes o lançamento da candidatura Alkimim à sucessão presidencial, como candidato da ala possedista que defende arduamente a manutenção da aliança PTB-PSD dentro de um esquema apoiado num programa de "reformas de base". Esse programa importaria, de imediato, numa revisão de fundo na atual Política do Ministério da Fazenda.

Govêrno e Empregadores Levam a CAPFESP à Falência

Cerca de 400 mil trabalhadores, representados por suas entidades sindicais, resolveram ganhar as ruas, numa vigorosa campanha de massas, visando a salvar da ruína total a CAPFESP (Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferrovários e Empregados em Serviços Públicos), que se encontra à beira da falência, ameaçando deixar os seus contribuintes ao completo desamparo.

O Govêrno Federal, as prefeituras municipais e as entidades empregadoras devem à CAPFESP a quantia de 10 bilhões e 745 milhões de cruzeiros. O déficit da instituição de previdência já soma 110 milhões de cruzeiros mensais.

Com os cofres rasos, a CAPFESP é vista pelos seus associados como uma terrível madrasta, que lhes suga uma contribuição mensal de sete por cento sobre os seus salários e ainda os atormenta com a perspectiva de um desamparo total. Os trabalhadores temem, e com fundadas razões, que eles e as suas famílias, num caso de necessidade, jamais possam recorrer à CAPFESP, em virtude do quadro desolador já existente.

BENEFÍCIOS MESQUINHOS

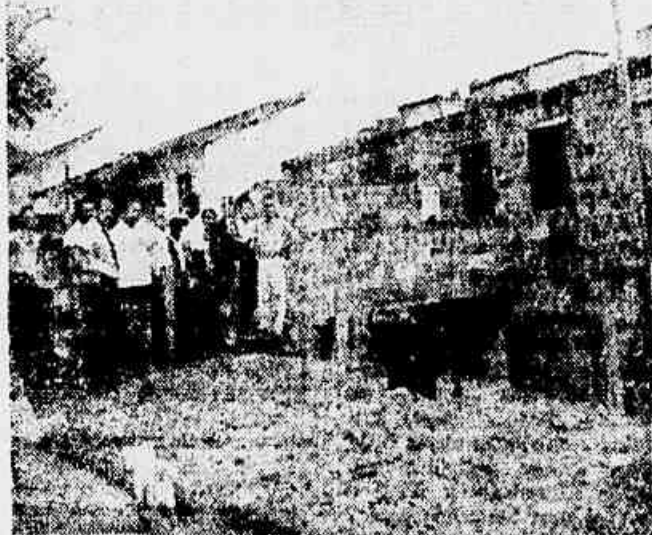
Até hoje, a CAPFESP não reajustou os benefícios dos seus aposentados e pensionistas, em conformidade com os novos níveis de salário mínimo. Na Capital da República os

benefícios continuam sendo pagos na base do salário de 3.800 cruzeiros e, no interior, de 2.400 cruzeiros. Os pagamentos desses benefícios, além disso, são freqüentemente atrasados, causando descontentamento e constantes manifestações de revolta por parte dos trabalhadores prejudicados.

CASAS CAINDO

Os poucos grupos residenciais financiados pela CAPFESP encontram-se em estado calamitoso, dando a impressão de zonas devastadas pela guerra, com as casas caindo aos pedaços, tornando a existência dos seus moradores um verdadeiro inferno.

No grupo residencial da Ilha do Governador, no Distrito Federal, a maioria das casas ameaça desabar a qualquer momento,



Aspecto do grupo residencial da CAPFESP, em Inhaúma, cujas obras iniciadas em 1952, até hoje estão por terminar. As casas, contudo, estão habitadas.

Dívida superior a 10 bilhões de cruzeiros - Os trabalhadores pagam mas não recebem benefícios - Dispostos a ir até à greve em defesa de seus direitos

sem que a CAPFESP, e as autoridades competentes tenham tomado as providências necessárias para evitar uma catástrofe de consequências imprevisíveis.

A situação das referidas residências é tão precária que os trabalhadores e suas famílias chegam a organizar plantões noturnos, temerosas de um desmoronamento fatal. Nesse sentido, por incrível que possa parecer, dividem a noite em duas etapas, determinando que uma parte da família durma quatro horas, enquanto a outra, do lado de fora da casa, permaneça em vigília, atenta a qualquer sinal de desabamento.

APROPRIAÇÃO INDEBIDA

Enquanto isso ocorre com os trabalhadores e suas famílias, a maioria das empresas particulares, estimulada pelo descaso do govêrno, deixa de recolher a contribuição dos seus operários aos cofres da CAPFESP. Utiliza esse dinheiro como se fosse seu naturalmente para conseguir maiores lucros.

ASSISTÊNCIA HOSPITALAR

A assistência médico-hospitalar, já por demais precária, está ameaçada de desaparecer totalmente, em virtude das ameaças das Casas de Saúde, das Maternidades e do SAMDU, de suspenderem os seus serviços até que a CAPFESP lhes pague os serviços prestados, cuja soma já atinge a mais de 300 milhões de cruzeiros.

A CAMPANHA

Contra essa situação, que vem se prolongando há vários anos, resolveram as organizações sindicais desenvolver uma campanha de âmbito nacional, através da realização de comícios, passeatas, palestras, e de outras iniciativas visando pleitear das autoridades governamentais a adoção de medidas energéticas, capazes de salvar a CAPFESP da ruína total, levando ao comple-

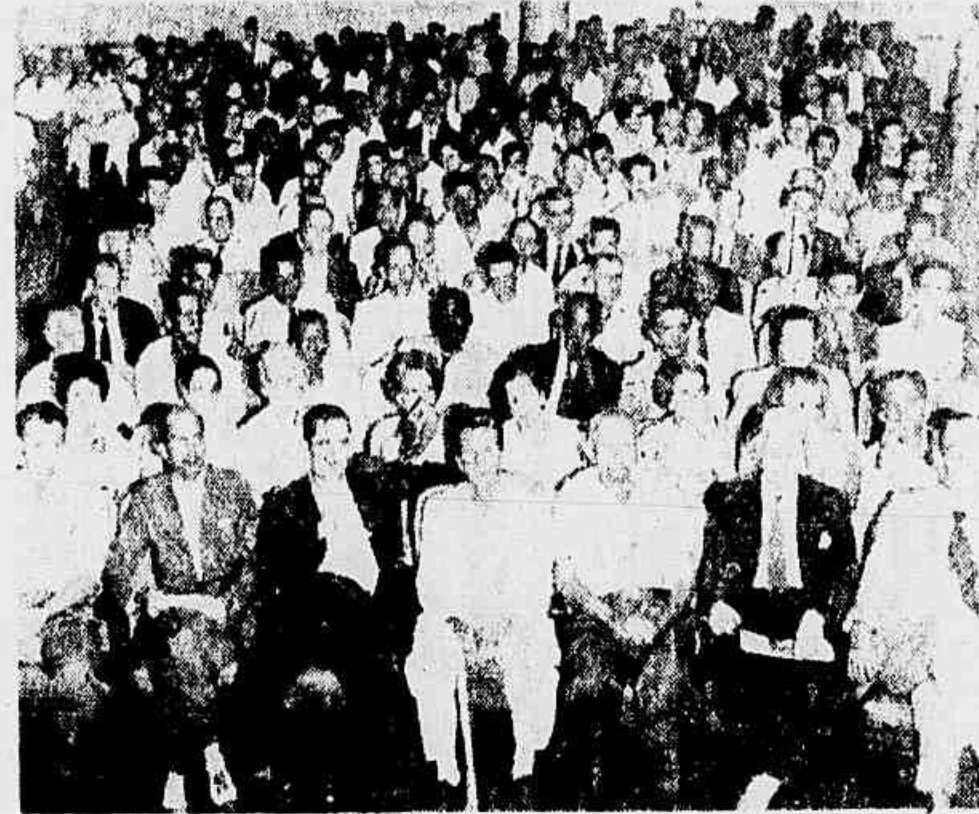
to desamparo os seus milhares de associados e suas famílias.

Essas medidas foram aprovadas na última assembléia intersindical realizada na noite do dia 17, na ABL, que contou com a participação dos representantes do Sindicato Nacional dos Aeronáutas, Sindicato Nacional dos Aeroviários, Sindicato dos Ferrovários da Leopoldina, Sindicato dos Radiotelegrafistas, dos Empregados em Companhias Telefônicas, dos Trabalhadores em Carris Urbanos, dos Empregados em Energia Elétrica e Produção de Gás, da Federação das Indústrias Urbanas, da Federação dos Empregados em Empresas Telefônicas, da Federação dos Radiotelegrafistas, da Associação dos Aposentados, dos representantes dos Estados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, e do presidente da Confe-

deração Nacional dos Trabalhadores em Transporte Terrestre.

OUTRAS MEDIDAS

Entre outras medidas, resolveram ainda os trabalhadores, na assembléia da ABL a adoção das seguintes: impetrar mandado de segurança contra o recolhimento das cotas de previdência por intermédio do FUPS (Fundo Único de Previdência Social) devendo o recolhimento ser feito diretamente para a CAPFESP; exigir o retorno à Caixa de todos os funcionários requisitados para outros serviços; promoção do levantamento de todos os processos imobiliários já realizados e atualização de todos os processos; e eleição do presidente da CAPFESP pelos trabalhadores, através do pronunciamento das suas respectivas assembléias sindicais.



Os associados da CAPFESP, na assembléia intersindical realizada no auditório da ABL, resolveram realizar comícios, passeatas e outros atos para exigir do Govêrno a adoção de medidas tendentes a impedir a ruína total de sua instituição de previdência. Na foto um aspecto da assembléia de sexta-feira última.

82 Horas Quebraram Uma Tradição De 56 Anos

NA GREVE DA PAULISTA SO OS RELOGIOS FICARAM TRABALHANDO

Os ferroviários souberam derrotar a intransigência da empresa e as violências da Polícia - Episódios que enriquecem a experiência do movimento sindical

CAMPINAS, 17 (Da correspondente) — Os 16 mil ferroviários da Cia Paulista de Estradas de Ferro festejam hoje, ruidosamente, a vitória obtida numa greve que manteve totalmente paralisados serviços de uma das mais importantes linhas férreas da América do Sul. O movimento, que teve a duração de 82 horas, foi vitorioso devido ao notável espírito de luta e senso de unidade manifestados pelos trabalhadores, ao longo de toda a estrada. Tal disposição dos grevistas que no todo da consciência de sua força demonstraram dominar perfeitamente os métodos indispensáveis para tornar vitorioso o movimento, facilitou grandemente a atuação do Sindicato, cuja diretoria, sabendo expressar a vontade coletiva dos trabalhadores e atuando com eficiência na organização e manutenção da greve, assim como nas negociações efetuadas, saiu prestigiada.

Para avaliar-se o significado do acontecimento, basta recordar que desde o ano de 1906 a estrada não via os seus serviços paralisados, a não ser nesta ou naquela ocasião, em greves parciais e desarticuladas, sem maiores consequências para a empresa e com resultados negativos para os trabalhadores. Pela primeira vez, após tantos anos, a diretoria da Cia.

Paulista, surpreendida pela coesão do movimento, foi obrigada a negociar com os grevistas, quando antes bastava-lhe jogar contra eles o peso das violências policiais.

A greve teve início à zero hora do dia 14, após intensos esforços para que a direção da Estrada concordasse em iniciar negociações, a fim de evitar a eclosão da greve. Todas as tentativas entretanto, foram inúteis. Os cofres da Cia. Paulista se esgotaram de que há apenas trinta dias, na cidade de Rio Claro, os ferroviários haviam dado uma convincente demonstração de força, com a realização de uma assembléia que reuniu 7.503 ferroviários, vindos das mais distantes cidades atingidas pela Estrada. Essa assembléia se realizou já num ambiente de grande agitação, uma vez que a empresa, durante os meses anteriores, havia permanecido indiferente a todos os esforços feitos pelos trabalhadores para que a mesma cumprisse o acordo firmado na Delegacia Regional do Trabalho, no dia 23 de setembro de 1958.

O não cumprimento do acordo fez com que a assem-

bleia aprovasse uma resolução que concedia trinta dias para que a Companhia resolvesse concordar com as seguintes reivindicações da classe:

- 1) — Aplicação do salário mínimo da 2.ª Subregião de São Paulo a todos os ferroviários da Cia. Paulista de Estradas de Ferro;
 - 2) — Equiparação de salários e benefícios com os ferroviários da Estrada de Ferro do Govêrno do Estado.
- Ao mesmo tempo, decidiram os trabalhadores prosseguir lutando pela aprovação do projeto de lei existente na Assembléia Legislativa já aprovado em primeira discussão, prevendo a encampação da Cia. Paulista, o que atende aos interesses dos ativos, aposentados e pensionistas da Estrada.

O prazo de trinta dias esgotou-se, sem que a empresa tivesse manifestado o mínimo interesse em resolver a pendência. A zero hora do dia 14 de abril, milhares de trabalhadores já se postavam nos pontos principais da ferrovia, em todas as cidades. Os trens começaram a ser paralisados. Não houve grande esforço para isso. Cada maquinista, cada ajudante, cada empregado em serviço nas composições em movimento, já sabia o que fazer. Pela manhã, a greve já era quase total. E logo mais, com a adesão do pessoal dos escritórios, somente os relatórios da Estrada permaneceram trabalhando. A movimentação que se via passou então a ser diferente. A ação dos plenários em Campinas, Jundiaí, Rio Claro, Araraquara, São Carlos, Americana, Bauri Placência, Jau e em tantas outras cidades, tornavam inúteis todas as tentativas da Estrada em fazer circular os trens, usando a polícia contra os grevistas, caçando maquinistas em suas residências, fazendo circular boatos. As violências policiais, então, foram inúmeras. O próprio presidente do Sindicato, deputado federal Hary Normannton, foi espancado por um soldado quando, à frente de um bloco, 20 minutos após a eclosão da greve, interceptava a passagem de uma composição que a Companhia havia feito circular, sob forte pressão policial. De outras cidades, durante o decorrer do primeiro dia de greve,

chegavam notícias de prisões e espancamento de grevistas. Em Araraquara, um ferroviário teve a vista vasada pela explosão de uma bomba de "efeito moral".

O primeiro dia da greve transcorreu assim, num clima de violência e insegurança, para os grevistas e suas famílias.

E foi enfrentando com disposição esse clima inicial que os grevistas conseguiram demonstrar aos empregadores e ao govêrno do Estado que desta vez a greve não poderia ser resolvida pela força das baionetas.

A AÇÃO DOS MAQUINISTAS

O fato marcante da greve, durante três dias foi a atitude dos maquinistas, guarda-trens e ajudantes, que desde os primeiros instantes da paralisação, procuravam em grande número, a sede do Sindicato, localizada em Campinas e as subdeses situadas nas demais cidades. Ali se mantiveram concentrados, espontaneamente, sabendo que deles dependia, fundamentalmente, o êxito do movimento.

A experiência de outras greves ferroviárias, em que os maquinistas eram caçados, pela polícia, em suas residências, e forçados a trabalhar sob ameaça de baionetas, fez com que eles, desta vez, se concentrassem, num clima de ruidosa alegria, no único local onde poderiam ter segurança, naquele momento: as dependências do seu Sindicato. Eles, assim, portaram-se dignamente, não só garantindo a segurança da greve, como também dando aos empregadores uma lição: a de que os métodos antigos como sucedeu em 1948 na Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, quando os maquinistas sofreram terrível pressão policial, já não dão mais resultados. Dentro do Sindicato, os maquinistas da Cia. Paulista, não saindo à rua sequer para comprar cigarros, exerceram, tanto quanto os piquetes, e tanto quanto os mais responsáveis pelo movimento, um papel decisivo, que vem enriquecer a experiência do movimento sindical brasileiro.

SOLIDARIEDADE

O espírito de solidariedade foi também um fator importante para o êxito da greve. Os trabalhadores das demais

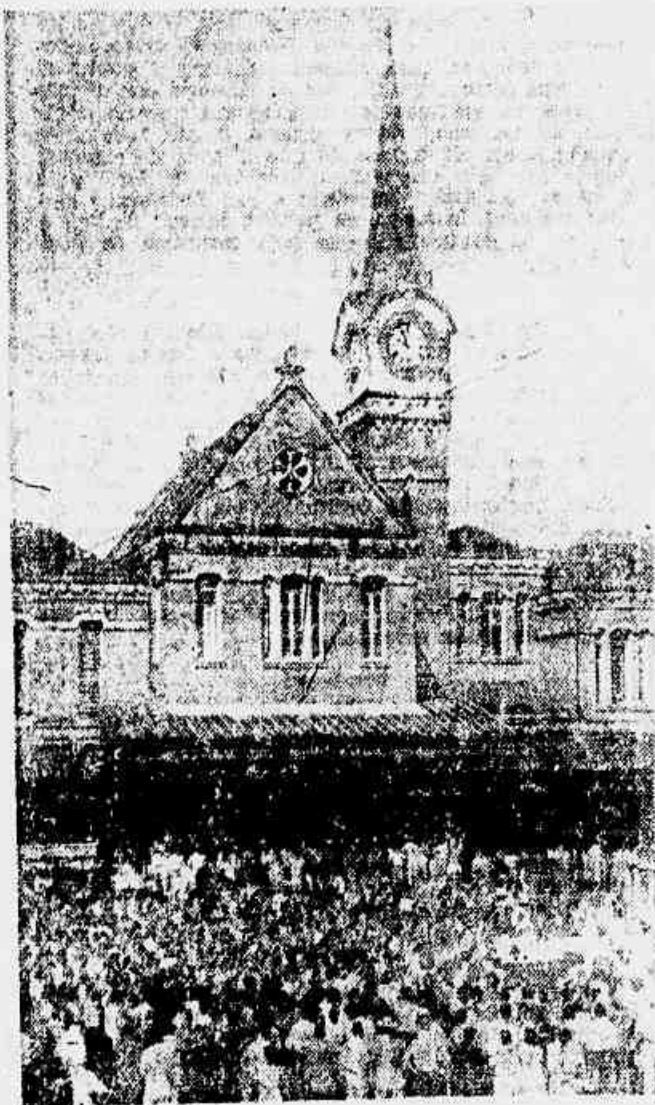
ferrovias do Estado, assim como das outras categorias, tanto em Campinas como em Jundiaí e nas demais cidades servidas pela Paulista, manifestaram de pronto sua simpatia pela luta dos ferroviários. Em São Paulo o Pacto de Unidade Intersindical manteve-se em assembléia permanente, adotando medidas de ajuda efetiva aos grevistas. Na Assembléia Legislativa e em diversas Câmaras Municipais, parlamentares hipotecaram solidariedade ao movimento. Organizações estudantis e populares de não poucos municípios também manifestaram sua simpatia para com a greve.

PARTICIPAÇÃO FEMININA

A participação feminina durante o transcorrer do movimento foi também um dos pontos marcantes da paralisação. Mulheres, em grupos, arreadaram, em Campinas, dinheiro para as despesas da greve. Em locais onde atuavam os piquetes, esboços e filhas de grevistas para ali se dirigiam, ou para levar as refeições aos trabalhadores, ou para incentivá-los no seu trabalho de vigilância contra as manobras da Companhia. O próprio clima existente nos lares dos trabalhadores valia como um importante incentivo aos mesmos: as mulheres souberam criar esse clima, compreendendo a necessidade da greve, sabendo das dificuldades poderiam agravar momentaneamente, durante o curso do movimento. Elas compreenderam, também, que essas dificuldades não seriam insuperáveis, pois o Sindicato saberia tomar as providências necessárias, diante de qualquer situação. As esposas dos ferroviários, às suas filhas e irmãs, cabe também uma menção especial como participantes ativas da greve vitoriosa.

CONCENTRAÇÃO DA VITÓRIA

A paralisação durou 82 horas, exatamente. No dia 17, às 10 horas, na estação de Campinas, partiu o primeiro trem, após assinado o acordo entre as duas partes. Minutos antes, no largo da Estação, naquela cidade, realizou-se uma concentração de ferroviários, festejando a vitória. O sr. Hary Normannton, em rápidas palavras, falou aos trabalhadores, historizando alguns fatos marcantes da greve e elogiando a atuação dos seus companheiros durante o movimento, cuja vitória decorreu do esforço comum de todos.



Cinco minutos antes de reiniciar-se o trabalho, após firmado o acordo, grevistas concentram-se em frente à estação da Cia. Paulista, em Campinas, festejando ruidosamente a vitória. Na ocasião, o presidente do Sindicato, deputado federal Hary Normannton, dirigiu a palavra aos seus companheiros, congratulando-se com eles pela maneira eficiente com que se portaram durante todo o transcorrer da paralisação.

NA DE MILLUS: 4 MIL "SOUTIENS" PARA GANHAR 6 MIL CRUZEIROS

As operárias mal conseguem receber a metade do salário mínimo — Regime de multas reduz o salário a 50 centavos por mês — Violência e desrespeito às trabalhadoras — Luta

Quatro meses após a vigência do novo salário mínimo, fixado em 6 mil cruzeiros para o Distrito Federal, cerca de 1.300 operárias da Fábrica De Millus continuam recebendo salários que variam de cinquenta centavos (1) a três mil cruzeiros mensais.

Revoltadas contra a espionagem de que estão sendo vítimas, as operárias da Fábrica que se tornou conhecida em todo o Brasil graças às sonoras vultosas empregadas na propaganda dos esquiotes De Millus, resolveram desencadear uma luta aberta visando ao recebimento do salário mínimo estabelecido por lei e ao reajustamento dos preços das cotas de produção.

uma mesa-redonda entre empregados e empregadores da De Millus, em presença das autoridades ministeriais, para discutirem as reivindicações das operárias. Caso os patrões continuem intransigentes, negando-se a pagar o novo salário mínimo a partir de janeiro, as operárias promoverão uma nova assembleia, com o objetivo de adotarem outras medidas capazes de fazer com que os patrões cumpram as leis e respeitem os direitos dos trabalhadores.

EXPLORAÇÃO

O salário das operárias da De Millus é calculado na base das peças produzidas. A importância paga pelos lotes, entretanto, é tão insignificante, que embora a operária dispense a máxima de esforço, não consegue fazer salário superior a 4 mil cruzeiros. O salário mínimo atual de 6 mil cruzeiros, de

acôrdo com os preços pagos pela fábrica, só seria atingido com a produção de 1 mil peças, quantidade impossível de ser alcançada em oito horas de trabalho.

Há, porém, outros expedientes de que os patrões se utilizam para explorar os seus empregados. O mais revoltante, é o sistema de multas que liquida, muitas vezes, o salário que a operária já havia atingido. As trabalhadoras são obrigadas a comprar os esquiotes defeituosos. Em geral essas compras atingem a cêrca de mil cruzeiros mensais. Com salários mesquinhos, as moças ainda têm de pagar 30 cruzeiros para um clube esportivo mantido pela Fábrica, e 100 cruzeiros para um hospital evangélico, sob o pretexto de que o IAPI não vale nada. Embora percebendo um salário médio de 3 mil cruzeiros, o Imposto Sindical e os descontos para o IAPI são pagos na base do mínimo atual de 6 mil.



Submetidas a um regime de trabalho exaustivo, em troca de salários miseráveis, as 1.300 moças que trabalham na Fábrica de «soutiens» De Millus, resolveram em assembleia (foto) exigir dos patrões o pagamento do novo salário mínimo de 6 mil cruzeiros

ARMAZENS DA CENTRAL AGEM COMO TUBARÕES

Revoltados os ferroviários de Conselheiro Lafaiete — Comissão entregou memorial ao presidente da Estrada — Reivindicações

Cerca de dois mil ferroviários de Conselheiro Lafaiete, juntamente com suas famílias, vivem num ambiente de revolta contra as irregularidades que vêm ocorrendo naquele importante setor da Central do Brasil. Os armazéns mantidos pela ferrovia, fugindo completamente à sua finalidade, atuam como verdadeiros tubarões do comércio, especulando com mercadorias estocadas, vendendo-as muitas vezes a preços superiores aos do comércio local.

O mesmo estoque de banana comprado em novembro do ano passado, que estava sendo vendido a Cr\$ 85,00 o quilo, hoje está ao preço de Cr\$ 155,00. Além dessa manobra contra a economia popular, os armazéns da Central só vendem os produtos que lhes asseguram maior margem de lucros, tais como rádios, enceradeiras, bicicletas, produtos enlatados, etc. Produtos como arroz e açúcar faltam frequentemente nos referidos armazéns. Outros como melancia, alho e farinha de mandioca nunca são encontrados.

MEMORIAL

A fim de protestar contra essas irregularidades, e de demonstrar seu apoio às entidades de classe que vêm lutando pelo salário mínimo único de Cr\$ 6.000,00, uma comissão de ferroviários entregou ao diretor da Central, engenheiro Mário Shilling, um memorial com mais de 500 assinaturas contendo as seguintes reivindicações: 1 — Pagamento dos salários até o dia 10 de cada mês, juntamente com o abono de 30 por cento, centralizando-os através de um só pagador; 2 — Salário mínimo de Cr\$ 6.000,00 e cálculo do abono de 30 por cento sobre este salário. Promoção de uma referência geral, para manter as mesmas diferenças salariais anteriores; 3 — Manutenção da farmácia da ferrovia e medidas destinadas à renovação do seu estoque; 4 — Abastecer os armazéns de gêneros de primeira necessidade e promover a redução dos preços das mercadorias na base das tabelas de novembro de 1953; 5 — Restabelecer o funcionamento do 5.º Depósito de Conselheiro Lafaiete, normalizando as atividades das oficinas de reparação de locomotivas a vapor; 6 — Pagamento do abono de 30 por cento aos trabalhadores cujas faltas ao serviço sejam devidamente justificadas, conforme determina o BD número 56.

VIOLÊNCIAS

Atos de violência e desrespeito às operárias também são frequentes no referido estabelecimento. O proprietário da firma sr. Nahum Manha, e o gerente, o yankees Roberto Meise, submetem as moças a atos de violência e de flagrante desrespeito moral. Certa vez, contavam as operárias, o sr. Nahum investiu furiosamente contra uma jovem, rasgando-lhe o vestido de cima a baixo, porque não se satisfazia com as explicações que a moça lhe dera sobre uma mancha de óleo encontrada num pedaço de tecido.

A LUTA

Com a paciência esgotada, cansadas de passar privações, em virtude dos baixos salários que recebem, as 1.300 moças da Fábrica De Millus resolveram marchar com o seu Sindicato na luta pela conquista dos seus direitos. Na última assembleia, em meio a grande entusiasmo, elas deixaram clara a sua disposição de chegar às últimas consequências, se até o dia seis de maio não lhes tiver sido pago o novo salário mínimo de seis mil cruzeiros e não tiverem sido reajustados os preços de produção por lote.



Adauto Rodrigues, presidente do Sindicato dos Alfaiates e Costureiras do Distrito Federal, quando assegurava o apoio de sua entidade às reivindicações das jovens operárias da Fábrica de «Soutien» De Millus

OS MENORES

A maioria das operárias da Fábrica De Millus é constituída de menores. Estas recebem preços mais baratos pelos lotes. Em virtude disso, os seus salários variam de 300 a 800 cruzeiros mensais. Com o sistema de compras obrigatórias das peças defeituosas, a que também as menores estão submetidas, seus salários chegam a descer até cinquenta centavos mensais, conforme tivemos oportunidade de constatar em um dos seus envelopes de pagamento.

NESTE 1.º DE MAIO

ROBERTO MORENA

Fim de lutas sérias dos trabalhadores se vai comemorar o 1.º de Maio, e de fato uma condigna celebração da data magna da classe operária de todo o mundo. A carestia da vida tem levado as massas laboriosas a uma luta constante, sem tréguas, em defesa de seus salários e de seus direitos.

O salário mínimo aumentado em 1.º de janeiro deste ano já foi praticamente absorvido e os salários, em geral, mesmo reajustados, pouco valem. As lutas que se travam em todos os setores profissionais e em todas as regiões são justas, necessárias e em nome da unidade e da solidariedade de todos os trabalhadores. Não terminam os problemas. Esses lutas serão agora acenadas e os trabalhadores confirmarão seus propósitos de continuarem a luta pela conquista de melhores condições de vida.

Neste 1.º de Maio, a unidade dos trabalhadores e de suas organizações, estudadas e realizadas. Desde 1936, para não ir mais longe, a unidade de ação dos trabalhadores e do movimento sindical vai se consolidando. Hoje os trabalhadores se encontram identificados num só propósito: unir suas forças para conquistar suas reivindicações e defender seus direitos.

1959 é um ano em que os trabalhadores querem ver decidido o problema da previdência. Já não suportam as dilações em torno do projeto de lei orgânica, enquanto as instituições que a dirigem vão para o caminho da falência. É um ano em que se tem de resolver definitivamente a regulamentação do direito de greve, alius já conquistado na prática, pelos trabalhadores. Mas é necessário estar alerta com as modificações que os senadores querem introduzir no projeto, reduzindo ou anu-

lando direitos assegurados pela Câmara dos Deputados. Neste 1.º de Maio, vão ser reafirmadas a solidariedade e a amizade internacional de todos os trabalhadores do mundo. Vemos com alegria que já inúmeras delegações de trabalhadores de outros países, notadamente da nossa América, estudam conjuntamente conosco os problemas que nos são comuns. É essa fraternidade que vai sendo aumentada solidificando-se e unindo os nossos laços orgânicos.

No Distrito Federal, estamos unidos no dia 1.º de Maio em cada organização sindical, relembrando nossas lutas gloriosas, cheias de lances heroicos da classe operária. Nossos sacrifícios e nossas vitórias. Estamos todos unidos na festa de inauguração do Palácio dos Metalúrgicos, grande realização da família metalúrgica. Daí diremos a todos os trabalhadores e a suas organizações sindicais o nosso programa de luta comum.

Primeiro de Maio dos trabalhadores, comemorado pela classe operária que assume posição de comando na grande batalha emancipadora de nossa pátria. Podemos comemorar com orgulho os anos percorridos. Vamos avançando, firmes e unidos, segurando a nossa vitória. Apenas a recordação de nossos mártires, desde 1886, na terra dos trustes e dos exploradores e colonialistas, nos encham os olhos de lágrimas. Queríamos que estivessem conosco neste dia para sentir que a sua luta não foi em vão. Ela frutificou. Ela nos deu ânimo, força e consciência.

Este é o Primeiro de Maio que comemoraremos.

MENSAGEM DE 1.º DE MAIO DA F. S. M.: PAZ E SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Por motivo das comemorações do dia Primeiro de Maio, data internacional dos trabalhadores, a Federação Sindical Mundial enviou sua tradicional mensagem aos operários de todo o mundo, desejando-lhes êxito em suas lutas pela manutenção da paz, em defesa de suas reivindicações e da unidade do movimento operário.

E' o seguinte o texto da mensagem da Federação Sindical Mundial: **TRABALHADORES E TRABALHADORAS DO MUNDO:** A Federação Sindical Mundial lhes envia sua saudação fraternal e sua mensagem de paz e solidariedade internacional por motivo do 1.º de Maio de 1959.

Entre de alguns dias, as bandeiras da classe operária vão unir-se, aos milhões, em todos os países, numa potente manifestação internacional de fraternidade e de solidariedade de classe. Vão expressar em comum suas preocupações e suas lutas, seus êxitos e suas esperanças, vão expressar esta veemência sua vontade de paz, de progresso social e de unidade.

Juntos, saudarão as vitórias pacíficas alcançadas neste ano pelos trabalhadores dos países socialistas e as novas perspectivas grandiosas de liberdade e de paz mundial que lhe abre e a toda a humanidade, a realização do Plano Setenal soviético. Todos os trabalhadores se alegrarão com os êxitos conseguidos no último período pelo movimento de libertação dos povos da África, do Oriente-Médio e da América Latina. Felicitar-se-ão pelos progressos realizados este ano no caminho da unidade e da cooperação fraternal entre os sindicatos de diferentes países e de filiações diversas.

Frente à coalizão dos monopólios que pretendem descarregar sobre os assalariados as consequências da crise econômica capitalista e dos gastos militares, os trabalhadores apoiarão, ombro a ombro, as reivindicações econômicas e sociais dos trabalhadores dos países capitalistas que lutam contra o desemprego e a miséria, por seus salários e seus direitos sindi-

cais, ameaçados em tôdas as partes.

Juntos, exigirão que se ponha termo as experiências nucleares e à guerra fria que mantém a tensão internacional e beneficiam apenas os monopólios de armamentos.

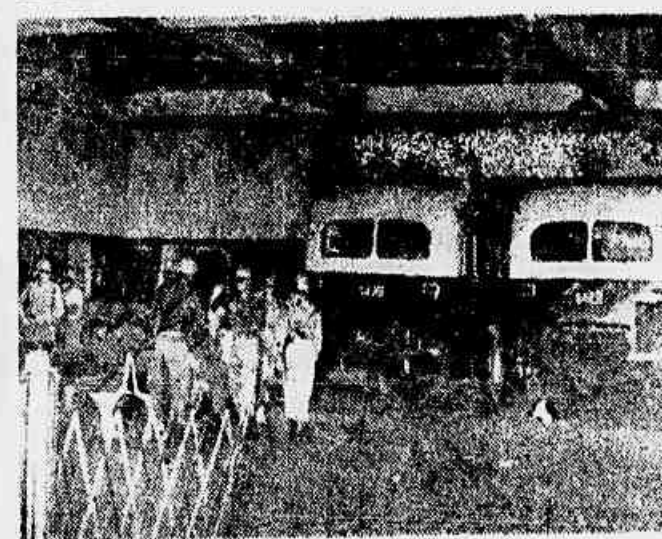
Juntos, pedirão que todos os litígios em suspensão, e em primeiro lugar o problema de um tratado de paz com a Alemanha e a questão de Berlim, sejam resolvidos através da negociação e jamais pela força, e que os somas, fantásticas dedicadas à corrida de armamentos atômicos sirvam para melhorar as condições de vida dos povos, para a ação contra o desemprego, para aumentar os salários e pensões.

Trabalhadores! Trabalhadoras! Militantes sindicais do mundo inteiro! Sua vontade unânime de paz e de alívio da tensão internacional, a comunhão de seus interesses e de suas reivindicações frente à crise econômica capitalista e a cenizas dos monopólios, fazem da unidade de ação e da cooperação sindical internacional, uma necessidade imperiosa.

Que se multipliquem os intercâmbios de delegações e de acordos entre as organizações de tôdas as tendências.

Que se faça deste 1.º de Maio de 1959 uma nova etapa importante para a ação unida dos trabalhadores e dos sindicatos, do mundo:

- pelo aumento de salários, pela assistência aos desempregados, e a defesa dos direitos sindicais nos países capitalistas;
- pela paz, pela cessação das experiências com armas nucleares e da guerra fria;
- por um encontro no mais alto nível e a solução negociada das questões em litígio;
- pelo desenvolvimento de relações comerciais e culturais entre todos os países, sem distinção;
- pelo reconhecimento e o respeito da independência nacional de todos os povos e a cessação da guerra colonial na Argélia, Viva a Paz!
- Viva a unidade e a solidariedade operária internacional!
- Viva o 1.º de Maio!
- O Secretariado da F.S.M.



GREVE NA CMTC EM SÃO PAULO

Devido aos constantes atrasos no pagamento dos seus salários, os empregados da Cia. Municipal de Transportes Coletivos, da Capital paulista, realizaram, nos dias 16 e 17 últimos, uma greve de protesto, que paralisou totalmente o tráfego de veículos daquela empresa. A greve somente cessou com o início do pagamento dos salários. Na foto acima, aspecto de uma das dependências da Companhia, fortemente policiada, vendo-se alguns dos veículos que deixaram de circular durante o movimento.

DEFENDE TEU DIREITO

B. CALHEIROS BONFIM

Correspondência para: NOVOS RUMOS ou Rua São José, 50

Falamos, na vez passada, daquilo que o empregado deve fazer, em caso de suspensão disciplinatória. Hoje, vamos mostrar o que não deve ele fazer diante de algumas situações que, frequentemente, se lhe deparam, em suas relações de trabalho.

Tropeços ocasionais de constatar que alguns empregadores sem escrúpulo, no momento de seus empregados, solicitam-lhes assinarem papéis em branco, sob a alegação de que os mesmos se destinam ao Instituto ou a registro de um processo. Mais tarde, as vezes mais depois, esses trabalhadores são dispensados, e ao reclamarem indenização, são surpreendidos, nas Juntas de Conciliação e Julgamento, com a exibição de documentos, com sua assinatura, em que declaram ter recebido a indenização ou que se retiraram do emprego por espontânea vontade. E é quase impossível no reclamante provar que, ao assinar tais papéis, não continham eles quaisquer direitos.

Cumpre alertar a todos para outro fato que sabemos ser corrente, em muita empresa. Dispensado o empregado, e este chamado para receber os salários dos dias trabalhados mediante a assinatura de um recibo. Tal documento, em geral, além de aduzir a importância do salário paga, contém dizendo que o empregado dá plena e riza quitação para nada mais reclamar do empregado, e qualquer título. Nesse caso, uma vez que subscreva tal recibo, — e assim tem entendido a Justiça, — o empregado perde o direito à indenização e outras vantagens que porventura tiver. Os recebimentos de salário, depois da dispensa, devem ser feitos da mesma forma por que sempre o foram enquanto o empregado trabalhava.

Constatamos, ainda, a atenção para a tendência, que existe entre muitos trabalhadores, de não reclamarem contra suspensões disciplinatórias de curta duração. É um erro que pode comprometer o futuro do empregado. Pois, doravante o tempo dentro do qual é permitido reclamar contra a punição, está se tornando cada vez mais curto. É devida como justa e, na hipótese de vir ela a ser decretada, por remeter no mesmo fato, não mais poderá discutir a justiça da dispensa. Se o empregado se conformar com a primeira penalidade, não mais poderá dizer que a última é injusta, por isso que não foi reclamada, não mais poderá reclamar, se não reclamadas em conformidade com a Justiça, se souber para anular os antecedentes funcionais do empregado. Alguns empregadores, mais inteligentes, costumam, primeiramente, aplicar suspensões de dois e três dias a seus empregados, que pouco depois, quando muitos deles não reclamam contra tais penas, que pouco sabem que, tratando-se de pequenas punições, é mais difícil anulá-las na Justiça.

COM A VITÓRIA DO COMUNISMO DESAPARECERÃO AS FRONTEIRAS

Discurso pronunciado por Kruschiov em Leipzig — Um dos mais graves problemas herdados do velho mundo capitalista — O que ocorre na União Soviética

Durante sua recente estada na República Democrática Alemã, onde assistiu à abertura da tradicional Feira de Leipzig, o Primeiro-Ministro soviético e secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Kruschiov, participou da IX Conferência Operária Interalemã. Nessa oportunidade, na presença de 1.400 delegados operários, entre os quais 1.100 da República Federal Alemã (Alemanha Ocidental), Kruschiov pronunciou importante discurso (7 de março). Desse discurso, destacamos o trecho seguinte referente ao problema das fronteiras como o compreendem os comunistas.

«Não deveis pensar que a questão das fronteiras é dedicada apenas para os alemães. Trata-se de um problema bastante agudo para muitos Estados capitalistas. Depois da vitória da revolução socialista em diversos países, a questão das fronteiras adquire outro caráter e não tem a agudeza que possui sob o capitalismo. Não obstante, também existe nos países socialistas. Vejamos a União Soviética e a Polónia. Se perguntarmos aos ucranianos ou bielorrussos, eles vos dirão que a Polónia tem em seu território atual diversas zonas que antes pertenciam à Ucrânia e à Bielorrússia. Poderia confirmá-lo até mesmo um «testemunho» como o finado Lord Curzon, pois é sabido que a chamada «linha Curzon» fixava a fronteira soviético-polonesa mais a oeste de onde se encontra atualmente.

Não digo isto, de forma alguma, porque exista qualquer litígio territorial entre a União Soviética e a Polónia. Não existe semelhante litígio, embora esteja convencionado de que na Polónia algum setor da população não considera justa a fronteira existente e, de certo, deseja que ela passe mais a Leste do que atualmente.

Nós, leninistas, compreendemos que a meta de nossa vida é a construção da sociedade comunista, o futuro luminoso da humanidade. Nessa sociedade não haverá classes, não se praticará a exploração do homem pelo homem, os bens materiais e culturais pertencerão a todo o povo, todas as riquezas da terra, onde quer que se encontrem, estarão igualmente a serviço da humanidade inteira, livre das cadeias do capitalismo. Na sociedade comunista não pode ser de outro modo. Não se deve supor que, uma vez construído o comunismo, colocamos ainda mais postes fronteiriços, mantemos tropas e funcionários de fronteiras para visar salvos condutos.

SOBREVIVÊNCIA DO CAPITALISMO

O problema das fronteiras é um dos mais graves e mais complexos de quantos herdamos do velho mundo capitalista. Hoje, na consciência de milhões de pessoas que edificam o socialismo, perdura ainda, juntamente com outras sobrevivências do capitalismo, a velha noção de fronteiras formada à base de normas jurídicas burguesas. Até mesmo muitos comunistas não se libertaram ainda destas sobrevivências. Por isso, não podemos deixar de tomá-las em consideração e devemos conduzir pacientemente as massas para uma compreensão deste problema do ponto-de-vista do comunismo.

A sociedade comunista, que disporá de abundância de bens materiais e espirituais, será capaz de satisfazer as exigências de cada homem e de cada nação. Creio que, além disso, o comunismo não se enfrentará com o problema de assegurar aos homens os meios de subsistência. O primeiro consistirá em saber utilizar da melhor maneira possível tudo o quanto a natureza e o trabalho podem dar ao homem em benefício de toda a humanidade e não somente de uma nação.

Nestas circunstâncias, o antigo conceito de fronteiras como tais irá desaparecendo gradualmente. Depois da vitória do comunismo em plano mundial, as fronteiras entre Estados serão eliminadas, como ensina o marxismo. O mais provável é que subsistam temporariamente as fronteiras étnicas e mesmo a existência destas será certamente convencional. Com certeza, nessas fronteiras, se as podemos chamar assim, não haverá guardanets militares, nem

funcionários aduaneiros, nem quaisquer outros obstáculos. Essas fronteiras se limitarão a fixar as delimitações historicamente surgidas de um povo ou nacionalidade num determinado território. A evolução a que assistimos na União Soviética, Estado multinacional, demonstra que assim acontecerá. Cada um dos povos, cada uma das nacionalidades da União Soviética tem suas fronteiras, suas tradições, sua cultura, surgidas no transcurso da história.

«Mas todos os povos das Repúblicas, federadas e autónomas de nosso país estão unidos por interesses vitais comuns numa só família e avançam juntos para um mesmo objetivo: o comunismo. Por isso, para eles a questão das fronteiras entre as Repúblicas, federadas e autónomas que formam a União Soviética vai perdendo pouco a pouco o significado que tinha antes.

Em nosso país, as fronteiras entre as Repúblicas nacionais se foram eliminando praticamente na medida em que se avançava para o socialismo. Este processo se acentuou ao nivelar-se o desenvolvimento das Repúblicas nacionais. Se agora perguntamos a um russo, a um ucraniano ou bielorrusso se para eles é atual o problema dos limites administrativos de suas repúblicas, parece-me que a maioria ficaria surpresa ante semelhante pergunta. Por quê? Porque nos limites de nosso Estado socialista todas as nações e povos são iguais em direitos,

a vida repousa numa base socialista única, são satisfeitas igualmente as necessidades materiais e culturais de cada povo, de cada nacionalidade. Há cinco anos se considerou oportuno incluir a Crimeia na República da Ucrânia, pois a Crimeia pertencia antes à Federação Russa. Isto foi feito inteiramente pelo livre consentimento e foi aprovada tanto pelos russos como pelos ucranianos. Por quê? Porque essa medida não afetou nem os interesses russos nem os ucranianos. A Crimeia e suas riquezas continuam sendo, como antes, patrimônio de todo o povo soviético.

RELAÇÕES COMUNISTAS ENTRE OS PAÍSES

Na União Soviética, em todo o campo socialista, se lançaram os alicerces das relações comunistas entre os países. Neste sentido os exemplos são múltiplos. Os povos dos países socialistas, unidos por fraternal amizade, pela enusa comum da construção do socialismo e do comunismo, se prestam constantemente desinteressada ajuda e apoio. Entre os países soberanos do campo socialista se desenvolve uma ampla colaboração em todas as esferas da vida econômica, político-social e cultural. Se considerarmos o futuro, parece-me que o desenvolvimento dos países socialistas continuará, segundo todas as probabilidades, o curso do

fortalecimento do sistema mundial único da economia socialista. Uma após outra irão desaparecendo as barreiras econômicas que separavam nossos países sob o capitalismo. Fortalece-se a base econômica comum do socialismo mundial, transformando depois em supérflua a questão das fronteiras.

Existi, um excelente acelerador deste processo: a igualdade de nível geral de desenvolvimento econômico e cultural dos países socialistas, na ajuda aos atrasados. Quanto mais elevado for o nível de vida dos povos livres, quanto mais plenamente forem satisfeitas as necessidades materiais e culturais do homem, mais rápida e facilmente poderão ser vencidas as sobrevivências do capitalismo na consciência do homem, com tanto maior facilidade se processará a fusão dos povos numa família comunista única. A questão das fronteiras, como se entende hoje, irá deixando de existir. Nenhum país socialista soberano pode fechar-se em suas fronteiras e apoiar-se somente em suas forças, em suas riquezas. Se assim fosse, não seríamos comunistas internacionalistas, mas nacional-socialistas.

A nivelção do desenvolvimento dos países onde triunfou o socialismo e a extinção gradual das fronteiras com a vitória do comunismo em todos os países, é um dos problemas mais importantes da teoria marxista-leninista. O nível

de desenvolvimento em que nos encontramos hoje nos obriga a aprofundar este problema, a fim de ver bem as perspectivas e compreender melhor o que hoje parece insuperável e dentro de alguns anos não constituirá, em geral, nenhum problema.

OS POLITICOS BURGUESES

Os políticos burgueses, limitados pelos marcos estreitos da ideologia de classe a que servem, dificilmente podem compreender nossa posição internacionalista. Em meus encontros com representantes do mundo capitalista, frequentemente tenho que responder a perguntas como esta: Que lhe parece, senhor Kruschiov, o rápido incremento da população da China? Ao que respondo: Sim, na China a natalidade é muito elevada, o incremento anual da população corresponde quase ao número dos habitantes da Tchecoslováquia. Então, meus interlocutores me perguntam com cautela: E isto não lhe causa alarme?

Ai, tendes um exemplo típico da psicologia burguesa. Por que havemos de nos assustar com o rápido crescimento da população da fraterna China Popular ou de qualquer outro país? Se todos os povos orientam seus esforços, sua inteligência, suas possibilidades para multiplicar a produção de bens

materiais e valores culturais, poderão ser satisfeitas satisfatoriamente as necessidades dos povos do mundo inteiro e parecerá uma tolice o problema da superpopulação de nosso planeta.

Assim, a passagem que desde o fim da guerra os governantes dos grandes Estados imperialistas fazem bastante de que os países não devam preocupar-se com soberania nacional. As grandes potências imperialistas estão interessadas em liquidar a independência nacional dos países, a fim de terem as mãos livres para impor lhes o subjugamento econômico e político, uma vez que, mediante regimes de fronteiras e alfândegas, as nações têm certa possibilidade de salvaguardar seus interesses.

Não é difícil convencer-se de que, quando os governantes imperialistas e seus ideólogos fazem apelos em favor da limitação da soberania nacional, pela limitação dos sistemas aduaneiros de outros países, seguem a rigor uma política destinada a submeter essas nações aos interesses dos grandes monopólios imperialistas. O fortalecimento da soberania nacional dos países é uma obra progressista, que contribui para consolidar a independência nacional dos povos.

Nós, comunistas, estamos firmemente convictos da vitória de nossos planos e temos uma ideia clara de rumo em que devem desenvolver-se as relações entre os povos da Terra.

COMUNAS POPULARES NA CHINA

O FUTURO SORRI PARA 550 MILHÕES DE CAMPONESES

Desabrocha em riquezas a Comunidade de Tungting Wei — Livre das secas e das enchentes — A eletricidade surge do lago — 124 fábricas são construídas do nada

PEQUIM, Abril (Hu Chien — Especial para NOVOS RUMOS) — Desde a sua fundação, em meados de setembro de 1958, rápidas transformações estão se operando na Comunidade Popular de Tungting Wei, situada a margem do famoso Lago Tungting, na Província de Hunan. No passado, vastos campos de arroz eram apenas ocasionalmente cortados por canais de irrigação e, nos dias de hoje, são cruzados em todos os sentidos por cursos d'água, mais se assemelham a verdes tabuleiros de xadrez. Cerca de 60.000 mus (1 mu equivale a 1,15 de hectare) de arroz lantado estão praticamente a salvo do risco da falta de irrigação e 90% dessa extensão podem ser percorridos em barcos nas épocas do plantio e da colheita.

Tão longe no tempo quanto a memória dos velhos pode alcançar, nesta região a vida não fora mais que uma luta sem tréguas ora contra as enchentes, ora contra a seca. Somente os trabalhos de prevenção contra a seca ocupavam cada ano metade da capacidade de trabalho de cada homem. Depois da libertação, os diques e canais foram concertados e reforçados e nunca mais se registraram enchentes ocasionadas por fendas ou entupimento dos canais. Todavia, não estava ainda definitivamente solucionado o problema da irrigação e da drenagem. As cooperativas, cada uma em sua limitada área de ação, à custa de tremendos esforços nesse sentido, conseguiram resolver o problema para a uma terça parte dos campos de arroz. Mas, no decurso das operações de irrigação e drenagem várias dificuldades surgiram porque alguns campos de cultura estavam acima e outros abaixo dos cursos d'água, uns a favor e outros contra a correnteza.

Com a formação da Comunidade, em setembro do ano passado, se reuniu 16 cooperativas nesse distrito, compreendendo 8.000 famílias e um total de 30.000 pessoas, muitas outras coisas puderam ser feitas para os quais, antes, eram insuficientes os

investimentos e as possibilidades de trabalho. Foi elaborado um plano de irrigação e drenagem totais para toda a área. A Comunidade empreendeu desde logo o trabalho de unificação do sistema de canais. Os campos foram divididos em quadras mais ou menos regulares, delimitadas pelos canais de irrigação e servidas por duas estações de bombeamento, uma ao norte e outra ao sul. Desapareceram sepultados no passado os antigos obstáculos e prejuízos que a falta ou o excesso d'água.

Três grandes lagos no distrito foram transformados em reservatórios perenes para as épocas de seca e para alimentar o sistema de irrigação. Fornecem ainda uma produção anual de peixe avaliada em 11 milhões de yuans.

No tempo das cooperativas, mais de duas semanas eram necessárias para a colheita do arroz, o que provocava anualmente a perda de uma parte da safra por não ter podido ser recolhida antes da chegada dos tufões e das primeiras nevascas. No ano passado, logo depois de ter sido fundada, a Comunidade organizou uma brigada de choque, que terminou a colheita em uma semana.

As dificuldades eram igualmente grandes no que diz respeito à adubagem das terras: os fertilizantes eram escassos no tempo das cooperativas, não havendo disponibilidade de mão-de-obra para a colheita dos adubos vegetais existentes nas terras não cultivadas das ilhas lacustres. No outono passado a Comunidade organizou uma brigada de 1.200 trabalhadores, que, em dois meses, extorcaram mais de dois milhões de fardos desse tipo de adubo, o suficiente para assegurar a fertilização de 10.000 mus de plantações de arroz.

ELETRICIDADE: PRESENTE DA COMUNA

Em 1.º de dezembro do ano passado, correu a notícia de que a primeira estação hidroelétrica estava pronta para começar a operar. Dada a sua pequena profundidade, ninguém julgava possível que o lago pudesse fornecer eletricidade. Os trabalhadores da Comunidade lançaram-se a obra em um dos cursos d'água, que não lhes ia acima dos joelhos. Não possuíam e nem podiam obter uma turbina: construíram uma de madeira e os ferreiros da Comunidade forneceram cilindros, eixos e todas as demais pequenas peças de ferro e aço. Em cinco dias, com uma despesa de 150 yuans, estava pronto o pequeno gerador de 6 KW, com capacidade para acender 250 lâmpadas de 25 watts ou preparar (bater para tirar os grãos) 20.000 catis (1 catti equivale mais ou menos a uma libra e pouco) de arroz por dia, o que representa a economia de 10 dias de trabalho de um homem.

Na marcha para a sua completa eletrificação, a Comunidade construiu numerosas pequenas estações de força como essa.

INDUSTRIALIZAÇÃO DA COMUNA

Nos já distantes dias do passado, a existência de fábricas estava além da imaginação do povo. Todavia, começaram a aparecer depois que a Comunidade designou 1.700 de seus membros para estudar e resolveram o problema. Partindo a bem dizer do nada, em três meses eles instalaram e puseram em funcionamento 124 grandes e pequenas fábricas. Entre elas existem duas de conserva de pescados, capazes de tratar e enlatar 100 piculs de peixe fresco por dia (1 picul é igual a 140 libras). Outras dessas fábricas se destinam a fabricação de polpa de papel com palha de arroz e de algodão artificial a base de resíduos de arroz. Há uma fábrica de botões e oficinas mecânicas, serrarias e carpintarias, fabricando utensílios e equipamentos de vários tipos.

DIVERSIFICAM-SE AS ATIVIDADES

Uma série de outras atividades compensadoras está em franca prosperidade, como por exemplo a pesca. O preparo das sementes de lotus, a caça aos patos selvagens, que ocupa regularmente cerca de 2.000 pessoas todos os anos. Assim, toda a população da Comunidade pode dispor durante todo o ano de peixe em abundância, sementes de lotus e dos tão apreciados patos selvagens.

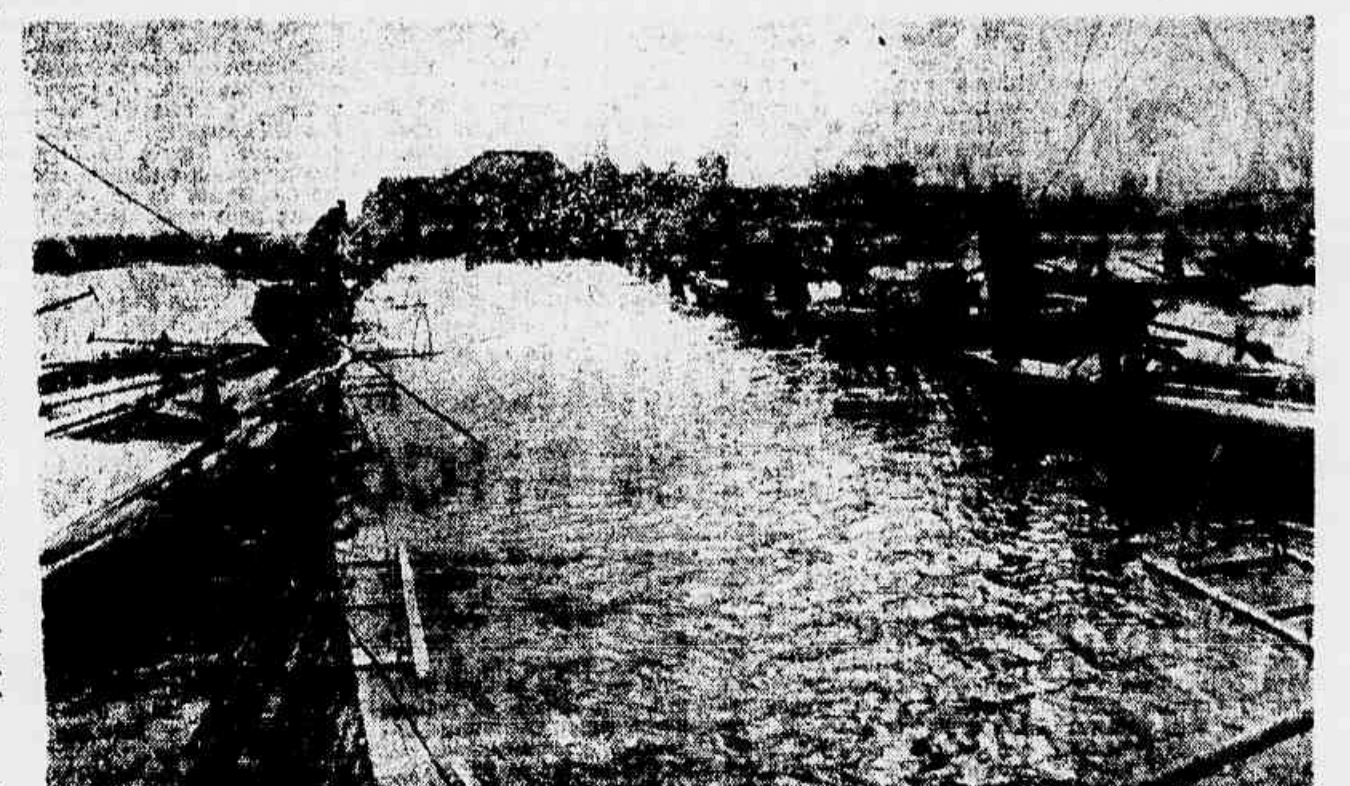


Membros da Comunidade entregam ao trabalho de transformar palha de arroz em polpa para papel

A Comunidade já adquiriu o seu primeiro trator e dispõe neste momento de um número de bombas hidráulicas num total de 150 HP.

Todas estas transformações se refletem diretamente no padrão de vida dos membros da Comunidade. Não somente todos os seus membros dispõem de alimentação gratuita, podendo fazer suas refeições nos refeitórios comunitários ou em suas próprias residências, e o mesmo também a renda individual de cada um aumenta de mês para mês. Tórtoras e acolchados, roupas de uso, garrafas térmicas, lanternas elétricas, etc., objetos todos antes considerados de luxo, podem hoje ser encontrados em qualquer lar.

O que ocorre na Comunidade de Tungting Wei é exatamente o que está ocorrendo em todas as demais desta Província e no país inteiro. Perdiem os tempos em que para 550 milhões de camponeses chineses não existia segurança e tranquilidade. Hoje o futuro lhes sorri enquanto se lançam com entusiasmo a tarefa de industrializar as regiões rurais.



Nas águas mansas dos lagos que asseguram o funcionamento do sistema de irrigação, os pescadores da Comunidade encontram fartura de peixe.

Teoria e prática

LUTA ANTIIMPERIALISTA E LUTA DE CLASSES

RESPOSTA AO LEITOR A. S. FRONTINI, DE SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO

Todavia o nosso leitor se a luta antiimperialista deve ser considerada luta de classes, de ponto-de-vista da classe operária. Sua dúvida decorre do fato de que o movimento antiimperialista nacional engloba várias classes e camadas sociais...

A resposta para compreender a essência da classe da luta pela libertação nacional, nesse teor, precisa ter em vista que, nas condições atuais do mundo, a questão nacional é essencial e inseparável da luta da classe operária pela eliminação do sistema imperialista. A essência da questão nacional reside hoje na luta das massas populares das colônias e das nacionalidades dependentes contra a exploração econômica, contra o avassalamento político e a despersonalização cultural dessas colônias e dessas nacionalidades...

É certo que dentro do movimento antiimperialista há também contradições de classe, como, por exemplo, entre o proletariado e a burguesia. A luta de classes se manifesta no interior da própria frente única nacionalista, através dos conflitos econômicos, políticos e ideológicos entre os camponeses e os capitalistas nacionais. Estas contradições não exigem, porém, uma solução radical na etapa da revolução antiimperialista e antifederal. A luta da classe operária contra a burguesia de seu próprio país, nessa etapa, deve revestir-se de formas adequadas e ter sempre em conta a contradição principal, que é a luta contra o imperialismo portu-gueês e seus agentes.

Se quem considera luta de classes somente a luta que se trava diretamente entre operários e patrões, ou seja, em última análise, a luta econômica, eis uma concepção profundamente falsa, que condiz de modo inevitável a concepções oportunistas. A forma decisiva da luta de classes, aqui, é demonstrada Lênin, é a luta política, a luta pelo poder político. Ao travar esta luta, a classe operária deve lutar obrigatoriamente em conta a correlação de forças, a aliança em que se encontra a revolução, os objetivos a atingir...

DELGADO CHEGOU

Humberto Delgado está vivo e salvo no Brasil. A muito custo, a ditadura de Salazar aguçou em permitir sua saída do país, depois de tê-lo perseguido por haver, como candidato à Presidência da República, ajudado as forças democráticas de Portugal a desmascarar o regime reacionário dominante. A impossibilidade do general Delgado continuar vivendo em Portugal e para milhares de portugueses residentes no Brasil, a melhor caracterização da ditadura salazarista. A perseguição nospenha que lhe foi movida é um testemunho da própria impopularidade salazarista, que não suporta qualquer oposição democrática. Assim, a vinda de Delgado para o nosso país contribuiu para esclarecer milhares de portugueses que, desconhecendo a realidade de seu país, ainda viam Salazar como o "mago" quando ele tem sido a ruína da nação ítmã.

1: De Maio: Das Lutas Econômicas à Conquista Da Vitória Política

HISTÓRIA HERÓICA DO DIA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES -- O MASSACRE DE CHICAGO -- 73 ANOS DEPOIS, O SOCIALISMO É REALIDADE NUM CONJUNTO DE PAÍSES E SUA VITÓRIA FINAL SE APROXIMA

A SEARA GERMINA

As sementes rubras do sangue generosamente dostrado pelos operários de Chicago há 73 anos — um breve lapso na história humana — germinaram em todos os países. As reivindicações de caráter econômico levantadas naquela época evoluíram rapidamente para reivindicações de caráter político. As "fraternidades" e "unidos" conduziram a poderosos partidos políticos da classe operária — os partidos comunistas, armados com uma doutrina científica na luta por um objetivo superior: o socialismo.

1.º DE MAIO DE 1886

As grandes greves operárias já eram conhecidas de há muito na Europa, sobretudo na França. Mas foi nos Estados Unidos, com a pujança do surgimento do proletariado americano que o movimento grevista no século passado atingiu a proporções mais impressionantes.

Estava-se no ano de 1886. Por todo o país funcionavam organizações operárias, as "fraternidades", as "unidos", os sindicatos, que uniam os trabalhadores para a luta por suas reivindicações econômicas. Os "Cavaleiros do Trabalho" já haviam conquistado notoriedade nestas lutas desde a década de 70. Com a intensificação do trabalho e o pioramento das condições em que viviam e trabalhavam os operários, as greves degeneraram violentas em todo o mês de abril de 1886. A situação chegou a tal ponto de gravidade que o presidente dos Estados Unidos, Cleveland, julgou necessário submeter ao Congresso a questão das relações entre o capital e o trabalho.

JORNADA DE 8 HORAS

Os operários tinham uma reivindicação suprema na ordem econômica: jornada de 8 horas. O movimento estendeu-se por toda a América do Norte. A luta das lutas já atingira alguns países e exigiam a exigência dos trabalhadores. Mas centenas de milhares deles, a sua maioria, ainda era submetida a jornadas de 10, 12 e mais horas.

Em Chicago, onde a concentração operária era grande e os operários organizados realizaram estes, a primeira de maio de 1886, vigorosas manifestações em que recamavam unanimemente.

"A partir de hoje, nenhum operário deve trabalhar mais de oito horas por dia", "Oito horas de trabalho", "Oito horas de repouso", "Oito horas de educação". Deflagraram cerca de 5 mil greves envolvendo aproximadamente 340 mil grevistas.

O movimento se estendeu por todas as principais cidades dos Estados Unidos: não só Chicago, mas também Nova Orque, Pittsburg, Baltimore, Boston, Louisville, St. Louis e a própria sede do governo, Washington.

A Federação Americana do Trabalho que já exercia grande influência, constatava então:

"Jamais na história deste país, houve um levante tão generalizado entre as massas industriais."

A LUTA EM CHICAGO

As greves iniciadas a 1 de maio conduziram a lutas de rua em Chicago, dois dias depois. Sete a oito mil grevistas, a porta das fábricas, chocaram-se com forças da polícia e apedrejaram-nas. A polícia os perseguiu a tiro. Reforços policiais vieram arma-

dos de fuzis. O resultado dessa refrega foram 6 mortos e mais de meia centena de feridos. O número de presos entre os operários foi enorme.

No dia seguinte, o jornal em língua alemã "Arbeiter Zeitung" registrava o fato nestas palavras:

"A guerra de classes começou. Ontem, em frente à fábrica Mac-Cormick trabalhadores foram fuzilados. Seu sangue exige vingança!"

"Quem poderia duvidar de que os líderes que nos governam estão sedentos de sangue dos trabalhadores!"

"Mas os trabalhadores não são carneiros. Responderão ao Terror branco com o Terror Vermelho. É melhor a morte do que a prisão."

No mesmo tempo, grupos de operários ligados a organizações anarquistas convocavam o povo para um comício de protesto na Praça Haymarket.

Reuniram-se aí cerca de 15.000 pessoas. Do alto de um carro, três líderes tomaram sucessivamente a palavra: Spies, Albert Parsons e Fielden.

O comício terminaria e a multidão começava a dispersar-se quando a polícia interrompeu na praça e começou a disparar contra o povo. Os manifestantes recuaram. Lançaram uma bomba no meio das polícias matando alguns. A reação da força de repressão foi mais violenta ainda e o massacre terrível.

As autoridades declararam o estado de sítio para a cidade de Chicago. Proibiram sair à rua a noite.

O PROCESSO

As autoridades de Chicago armaram um processo contra os líderes operários, envolvendo cerca de mil pessoas. Finalmente, elegeram os principais vítimas entre os mais queridos dependentes dos trabalhadores locais: Spies, Fielden, Neebe, Fisher, Schwab, Ling, Eugene e Albert Parsons.

Podese imaginar a natureza do processo a que submeteram estes homens. Um processo típico de classe, depois de uma violenta refrega em que os operários tinham sido submetidos pela força — e ainda não derrotados pois sua luta se estendeu e as reivindicações pelas quais lutavam se tornaram vitórias. Um historiador do socialismo nos Estados Unidos constatou a seguinte situação:

"E realmente difícil ler os autos, tão processado sem chegar a conclusão de que tu a mais monstruosa caricatura de uma tribunal americano."

O procurador pediu a pena de morte, embora fosse impossível estabelecer a menor participação direta dos acusados nos acontecimentos em causa.

A atitude dos acusados foi a mais valerosa e digna Pa-

sons, que se havia refugiado na casa de um amigo em Wisconsin apresentou-se espontaneamente ao tribunal, para partilhar a sorte de seus companheiros.

A execução teve lugar a 11 de novembro de 1887. Em 1 de fevereiro, ante a ameaça de pena capital, Fisher escreveu: "Estou convencido de que nossa execução ajudará o triunfo de nossa causa."

E não se enganava. O movimento operário cresceu nos Estados Unidos e no mundo. Em 1887, a Federação Americana do Trabalho já contava com 200.000 membros — total

extraordinário para a época.

A reivindicação principal que conduzia aos movimentos grevistas de então triunfava em toda parte.

Seria irrespeçável esquecer a primeira de maio de 1886 que rebeitava o movimento dos operários de Chicago. Ele passaria a história universal da classe operária. Seria comemorado, por decisão dos trabalhadores organizados dos Estados Unidos e da Europa — e mais tarde da maioria dos países do mundo — como a jornada internacional dos trabalhadores — o Dia do Trabalho.

Causas Da Carestia Apontadas Em Comício No Estado Do Rio

Promovida pela Comissão Executiva Permanente Contra a Carestia, realizou-se em Niterói, a 21 do corrente, um comício durante o qual diversos oradores usaram da palavra ante uma assistência numerosa e vibrante.

Invocando a manifestação, feita da palavra a exultante José Bernardo, da PTB e presidente da Comissão, em seu discurso, apresentou fundamentada denúncia das causas da carestia que se relacionam com a política econômico-financeira do governo. Destacou, particularmente, o tratamento privilegiado do que dispõem em nosso país os frustres estrangeiros, beneficiados por uma série de medidas entreguistas tomadas pelo grupo que enfeixa os cargos-chaves da economia nacional; o Lucas Lopes,

Roberto Campos, Garrido Tinoco.

Outro orador que mereceu grandes aplausos foi o vice-governador do Estado do Rio, Sr. Celso Peçanha, vice-presidente da Comissão Executiva Permanente Contra a Carestia.

Enquanto em nome das comunistas do Estado do Rio, Sr. Luciano Cruz apresentou suas propostas para combater a carestia, consistindo em uma série de medidas tendentes a fazer com que os gêneros alimentícios e de primeira necessidade, em geral, cheguem ao povo por preços razoáveis.

OUTROS PROBLEMAS. Conquanto as questões relativas à carestia da vida tenham ocupado a maior parte dos diversos discursos, também outros problemas —

como a reforma agrária, o estabelecimento de relações com todos os países, a renúncia de lutas para o exterior, etc. — foram objeto da atenção dos oradores.

Além dos já mencionados, usando a palavra, durante o comício, os Sr. Gabriel Alves de Oliveira, vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Sebastião dos Santos, pela Federação Nacional dos Marítimos, Osvaldo Rodrigues, presidente da Federação Nacional dos Estradeiros, Manoel Martins, pelo Diretório do PSB em Niterói, Nicolau Abrantes, suplente de vereador no capital fluminense, João Alvarença, vereador em Volta Redonda, Iv. Alves Martins, vereador em S. Gonçalo, Atouso Celso Nogueira Monteiro do Diretório do PSB em Niterói, Artur do Couto, economista, Valdomiro Cruz, vereador em Niterói, Irineu José de Souza, ex-deputado, Homero Brasil Nogueira, pelos estudantes, Alvarença, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Volta Redonda.

Antes de encerrar o comício, o ex-deputado José Bernardo convocou outro, para o dia 26, em S. Gonçalo, e anunciou a realização de uma convenção estadual contra a carestia, em junho próximo.

MENSAGEM DE PAZ DE CARLITOS

Charlie Chaplin completou 70 anos. Quer viver mais 70. Merece. E desejam-no os milhões de admiradores de seu talento, o grande criador de vida que tem sido, o mestre inigualável do cinema.

O nome de Chaplin está indissolúvelmente ligado às melhores aspirações de paz entre os homens. A mensagem de paz está em seus melhores filmes.

E neste setuagésimo aniversário ainda e a paz que é dedicada palavras calorosas cheias de fé. Eis a mensagem escrita que dirigiu a seus amigos no dia de seu aniversário.

Charlie Chaplin completou 70 anos. Quer viver mais 70. Merece. E desejam-no os milhões de admiradores de seu talento, o grande criador de vida que tem sido, o mestre inigualável do cinema.

O nome de Chaplin está indissolúvelmente ligado às melhores aspirações de paz entre os homens. A mensagem de paz está em seus melhores filmes.

E neste setuagésimo aniversário ainda e a paz que é dedicada palavras calorosas cheias de fé. Eis a mensagem escrita que dirigiu a seus amigos no dia de seu aniversário.

Aproveito esta ocasião para encor a todos os meus amigos que me mandarem uns votos de felicidades pelos meus 70 anos. A mensa-

LEIA E DIVULGUE NOVOS RUMOS

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO (IX)



becoluna para com... Ele nasceu em 1818, em Trier, Alemanha. Estudou direito e tornou-se advogado. Foi um dos principais autores da obra "O Manifesto Comunista" e "O Capital".

Em setembro de 1844, ainda em Paris, Marx encontrou, pela primeira vez, com Frederico Engels, com quem já mantinha relações por correspondência desde havia algum tempo.

Engels nasceu a 28 de novembro de 1820, na cidade de Barren, também situada na Prússia. Seu pai era um grande industrial têxtil. Não tendo, chegou a completar seus estudos, Engels trabalhou um ano no escritório do pai, por exigência desta, da então quarenta e cinco anos de idade, quando se mudou para a cidade de Manchester, Inglaterra.

Quando Engels se encontra com Marx em 1844, são ambos já comunistas revolucionários e pontos verifica a coincidência de suas idéias relativamente a toda uma série de questões fundamentais do movimento. Unidos, desde então na luta operária pela causa da classe e pela liberdade humana e mais lealmente e bela amizade que a história da humanidade conheceu.

Em 1845, os dois jovens revolucionários escreveram juntos "A Sagrada Família", obra filosófica de crítica aos irmãos Bauer e seus adeptos, hegelianos de essência, cujas concepções constituíam sério obstáculo ao movimento operário. Marx e Engels atacaram de rijo as premissas e falsas posições, fontes de seus adversários, por meio de uma obra em duas volumes, editada em 1845, sob o título "A Sagrada Família".

Quando Engels se encontra com Marx em 1844, são ambos já comunistas revolucionários e pontos verifica a coincidência de suas idéias relativamente a toda uma série de questões fundamentais do movimento. Unidos, desde então na luta operária pela causa da classe e pela liberdade humana e mais lealmente e bela amizade que a história da humanidade conheceu.

Em 1845, os dois jovens revolucionários escreveram juntos "A Sagrada Família", obra filosófica de crítica aos irmãos Bauer e seus adeptos, hegelianos de essência, cujas concepções constituíam sério obstáculo ao movimento operário. Marx e Engels atacaram de rijo as premissas e falsas posições, fontes de seus adversários, por meio de uma obra em duas volumes, editada em 1845, sob o título "A Sagrada Família".

Quando Engels se encontra com Marx em 1844, são ambos já comunistas revolucionários e pontos verifica a coincidência de suas idéias relativamente a toda uma série de questões fundamentais do movimento. Unidos, desde então na luta operária pela causa da classe e pela liberdade humana e mais lealmente e bela amizade que a história da humanidade conheceu.

Em 1845, os dois jovens revolucionários escreveram juntos "A Sagrada Família", obra filosófica de crítica aos irmãos Bauer e seus adeptos, hegelianos de essência, cujas concepções constituíam sério obstáculo ao movimento operário. Marx e Engels atacaram de rijo as premissas e falsas posições, fontes de seus adversários, por meio de uma obra em duas volumes, editada em 1845, sob o título "A Sagrada Família".

Quando Engels se encontra com Marx em 1844, são ambos já comunistas revolucionários e pontos verifica a coincidência de suas idéias relativamente a toda uma série de questões fundamentais do movimento. Unidos, desde então na luta operária pela causa da classe e pela liberdade humana e mais lealmente e bela amizade que a história da humanidade conheceu.

Em 1845, os dois jovens revolucionários escreveram juntos "A Sagrada Família", obra filosófica de crítica aos irmãos Bauer e seus adeptos, hegelianos de essência, cujas concepções constituíam sério obstáculo ao movimento operário. Marx e Engels atacaram de rijo as premissas e falsas posições, fontes de seus adversários, por meio de uma obra em duas volumes, editada em 1845, sob o título "A Sagrada Família".

NOTAS SOBRE LIVROS

ASTROJILDO PEFIRA

“O CANTOR DA VILA”

O escritor Jacy Pacheco publicou, há tempos, um livro — Noel Rosa e sua Época, biografia do famoso cantor popular, alcançando bom acolhimento da crítica e suscitando controvérsias nos círculos sambistas e radiofônicos. Em fins do ano passado o mesmo autor nos deu um novo livro sobre Noel Rosa — O Cantor da Vila, com documentos e episódios inéditos da vida de Noel. Mas este segundo livro não teve a mesma sorte do primeiro: silêncio geral, ninguém disse nada, nem bem nem mal.

Entretanto, O Cantor da Vila veio completar — e em certos casos retificar — o Noel Rosa e sua Época, e além disso apresenta enorme interesse documental — com a transcrição, em suas páginas, de numerosas «letras» de sambas e canções deixadas pelo grande poeta popular. É uma verdadeira antologia, em que podemos acompanhar, passo a passo, a carreira a um tempo atribulada e feliz do mais carioca dos sambistas cariocas.

Compreende-se facilmente que a «letra» feita para ser cantada só adquira plena eficácia quando cantada, e as «letras» de Noel Rosa não escapam a essa regra elementar; mas não é difícil descobrir nos seus versos certas notas de autenticidade, certos achados de expressão que revelam o poeta propriamente dito. Poeta de espontânea inspiração, carioca sem por cento — e carioca da Vila, «modéstia à parte!» — cheio de ternura humana e mais cheio ainda de verve popular — eis todo o Noel Rosa. E que extraordinária fertilidade!

O livro de Jacy Pacheco, além de outros méritos, possui ainda a de uma escrita correntia, sem presunção, sem dilematismos, quase de conversa familiar, que nos cativa a atenção do começo ao fim. Não esgota o assunto Noel Rosa — assunto sempre fascinante, que tão cedo não se esgotará — mas constitui uma contribuição de primeira ordem a tudo que se queira escrever sobre o Cantor da Vila.

REGISTRO

Em Natal, Rio Grande do Norte, acaba de surgir uma nova revista de cultura com o bonito título de Cactus, dirigida por Afonso Lau-

rentino Ramos e Sanderson Negreiros. Do sumário deste primeiro número constam principalmente os seguintes trabalhos: Ivan Andrade — Permanência de Euclides da

Cunha; Edgar Barbosa — Machado de Assis em alguns dos seus tipos; Moneyr de Goes — O Brasil antes dos trinta anos; Américo de Oliveira — Uma mesma história; Otto Guerra — O serviço social na era atômica; Celso da Silveira — Estudo sobre Moisés Sessun. Páginas das poesias e crônicas do livro, teatro e cinema.

CORRESPONDENCIA

A propósito do comentário que fiz aqui, há algumas semanas, a certos aspectos do projeto de novos Estatutos da Ordem dos Advogados, teci o dr. Heltor Rocha Faria uma carta, na qual o illustre causidico sugere a redação de NOVOS RUMOS. Um franqueando as colunas deste semanário ao debate das questões relacionadas com a organização e o funcionamento da Ordem. Consultada a redação, folheei ponderando que semelhante debate, de interesse forçosamente limitado, escaparia aos objetivos de um jornal como NOVOS RUMOS, acima de tudo preocupado com os interesses gerais da classe operária e do povo.

CHAPLIN:

Seguem-se ao patético e sarcástico *Monieur Verdoux* uma história dramático-sentimental, uma espécie de volta (menos feliz) ao romântico de *Luzes da Cidade* ou de *Casamento e Luzes*. A atmosfera cada vez mais hostil ao “estrangeiro” Charles Chaplin impediu que seu novo filme completasse o contundente quadro social iniciado com o notável *Tempos Modernos*. *Luzes da Ribalta* é uma tragédia ambientada nos eufros do “music-hall” londrino a par volta de 1914. Calvero um autor de variedades, já marcado pela idade, entregou-se ao alcoolismo. Sua vida, difícil e modesta, transforma-se ao salvar uma jovem moradora do mesmo prédio do envenenamento pelo gás. Calvero faz renascer em Terry, a quase suicida, a confiança em si, incentivando-a para prosseguir no caminho da dança. A jovem transforma-se em atriz do espetáculo musical, o velho ator julgando-a apaixonada por um compositor afasta-se e volta à vida de saltimbando. Alguns tempos depois tornam a encontrar-se. Terry já é uma grande estrela e convence-o a participar de um espetáculo. Calvero obtém enorme sucesso, mas ao fim do número um salto mais arrojado provoca uma crise cardíaca. O velho ator morre nos bastidores vendo Terry dançando radiante e bela.

O tema de *Luzes da Ribalta* é sentimental, capaz de provocar lágrimas em parte da plateia, muito diferente da obra cômica de Chaplin só interrompida em 1933 com *Casamento de Luzes*, filme por ele dirigido mas não interpretado. *Luzes da Ribalta* é terminado em princípios de 1952 quando sua situação nos Estados Unidos já é insustentável. Assim, em setembro deste ano, deixa definitivamente o país onde residira por 39 anos!

Em Londres festejado e aplaudido o genial artista vai iniciar uma nova fase em sua carreira. Depois de muitos projetos decide-se a filmar uma sátira aos últimos eventos da sociedade norte-americana. O projeto definitivo será rodado em fins de 1955 perdurando as filmagens até princípios de 1957. Imediatamente após a estreia de *Um Rei em Nova Jorque* a crítica

londrina e logo a seguir a francesa dividiu-se ao extremo. Severas reprimendas e elogios rasgados alternaram-se nas colunas especializadas.

Quando em maio de 1958 tivemos o privilégio de assistir, num cinema parisiense, a exibição de *Um Rei em Nova Jorque*, era enorme a nossa expectativa. O “short” publicitário, o desenho animado e o documentário de atualidades pareciam não acabar mais. Depois de um irritante intervalo e mais um desenho animado aparecem as primeiras imagens do tão ansiado filme. Aos poucos a emoção inicial vai passando e somos contagiados pelo riso da plateia, ao fim do espetáculo estávamos certos de ter visto um filme à altura de Charles Chaplin.

Um Rei em Nova Jorque em realidade ataca rijamente vários aspectos da vida norte-americana e muito especialmente a febre macartista tão atuada de 1948 a 1954, através da comissão de atividades “anti-americanas”. O rei Shadow (Chaplin) desembarca na América depois de ter sido deposto em seu país, perdendo o tesouro roubado por seu ministro da fazenda. O “rock n’ roll”, os tiroteios dos filmes de mocinha e a música de uma buite o atordoam e desconcertam. Cedo terá um enorme débito no hotel tendo como única esperança para salda-la a venda ao governo americano dos planos que possui para a utilização pacífica do átomo. Antes porém, uma publicista da televisão o fará representar o monô-

DE DITADOR A REI — (II)

GEMMYSON AZEVEDO

do Hamlet no curso de um jantar, diante dos objetivos contados da TV. O exito do programa transforma o rei Shadow em bem remunerado publicista conquistando-lhe a afecção da jovem “expert” da TV. A tranquilidade destruída será repentinamente tumultuada quando Shadow recolhe em seus aposentos um garoto que conhecera numa escola ao encontrá-lo friamente perambulando pelas ruas. O fato de os pais do menino estarem presos por suspeita de comunismo obriga o rei a comparecer perante a comissão de atividades “anti-americanas”. Depois de seu depoimento resolve partir para a França não sem antes dizer adeus ao garoto. O soberano vai encontrá-lo num internato, melancólico e envergonhado, depois de ter denunciado os amigos de seu pai. Shadow despede-se de sua jovem amiga e parte para a Europa.

Apesar do final amargo o filme tem momentos hilariantes e, pelo menos, uma excelente piada. Quando o rei vai depor prende o dedo na extremidade de uma mangueira da qual não o consegue tirar. Afrito e atorado presta o juramento com a mangueira presa ao dedo e quando consegue livrar-se a água jorra pela sala. No dia seguinte os jornais apresentam a seguinte manchete: “O Rei Shadow Lavou Todas as Acusações”.

Acusa-se Chaplin de ter feito uma sátira desabrida e panfletária, até mesmo injusta e insultuosa. Porém, torna semelhante foi dramati-

zado pelo diretor e repartido norte-americano Daniel Taradash em *O Despertar de Terrence* (com a excelente Betty Davis) num filme baseado com invulgar seriedade! Ninguém lembrou-se de atacá-lo ou de truí-lo.

Como em *O Grande Ditador* não se cogitava de hostilizar o povo alemão e sim os generais nazistas, em *Um Rei em Nova Jorque* o artista não pretende ofender a simpatia, inteligente e laboriosa gente da América, apenas alguns políticos ambiciosos de poder sob postas sob o fogo de sua ironia. Todavia, neste como em outros filmes de Charles Spencer Chaplin podemos encontrar um traço comum que é válido em qualquer latitude onde exista a intolerância e o desrespeito dos direitos humanos.

Aos setenta anos ele continua a trabalhar em Londres, preparando um novo filme que esperamos seja mais alegre, mais otimista, de quantos já criou nos últimos quarenta anos. Em meio à estima de sua família e de seus milhões de admiradores e hero de desejo-lhe muita saúde longa vida, pelo muito que lhe deu, pela alegria proporcionada através dos anos, pelo exemplo de honestidade artística, pela ternura de seus filmes.

CINEMANIA * CINEMANHA

BARÃO DE ITARARE

O Cavalo do Inglês

Todo o mundo conhece aquela anedota do inglês que, por economia, estava acostumando seu cavalo a não comer, mas não chegou a completar o seu plano, porque, quando o animal já estava quase acostumado, morreu.

Esta história não é tão cretina como parece à primeira vista. E também não é uma simples pilhéria para fazer rir. É, pelo contrário, antes de tudo, uma narrativa muito séria e verdadeira, porque, é preciso salientar, que as anedotas também acontecem. O inglês, no caso, é um complemento circunstancial, pois a história poderia ter se passado com um alemão, um francês, um italiano, japonês ou norte-americano ou qualquer outro aventureiro, não importa de que procedência, que tivesse aportado à Ásia, no tempo em que ainda não tinham descoberto a América nem o Brasil.

Iogues e faquires

Os iogues e os faquires, nas Índias, praticam o hipnotismo, a transmissão do pensamento e a auto-sugestão, por motivos religiosos. Por diversos processos, fazem exercícios de força de vontade, ora fixando o pensamento em algum objeto, ora firmando o olhar na extremidade nasal. Vão aos poucos contendo a respiração e, em regime de jejum de comidas e bebidas, acabam caindo em transe cataleptico. Nesse estado, podem permanecer imóveis, mantendo atitudes extravagantes ou posturas exóticas, por tempo indeterminado, em recintos fechados, ou maravilhando a multidão numa exibição indefinida, em praça pública ao ar livre. Eles dizem (e nós não temos por quê duvidar de sua sinceridade) que se unificam com Deus. Não há dúvida que muita gente pode discordar dum iogue e não acreditar nas suas intimidades com o Ser Supremo, mas ninguém poderá negar que o iogue é um sujeito que passa realmente muito tempo sem comer e que sabe onde tem a ponta do nariz.

Pessoal da Brahma

Os faquires são religiosos de baixa casta nas Índias. Fazem parte da casta sacerdotal, servindo de instrumento aos «brahmanes», sacerdotes de alto grau, que se dedicam ao culto de Brahma. O Brahma asiático parece que não tem nenhuma ligação com uma companhia de igual nome e cujos adeptos caem também em transe ou em «delírium tremens», não por abstinência, mas, ao contrário, por excesso de libações alcoólicas em homenagem a Baco.

Enquanto o pessoal está em transe, esse é o momento de agir...

O inglês da anedota, com certeza, viveu nas Índias e observou que o magnetismo animal é um fato concreto, que dá muito bons resultados, quando explorado cientificamente. As serpentes atraem com o olhar sapos e lagartos. As cobras magnetizam e engolem passarinhos. O veado magnetiza a cobra e, depois de dominá-la com o olhar, dá-lhe uma patada definitiva na cabeça. O gavião olha para um bando de pombas, põe o olho firme numa que lhe agradou e daqui a pouco a infeliz não tem por onde escapar.

O inglês observou que, sob o olhar magnético do «brahmane», que lhe prometia o Nirvana, o «pária» trabalhava sem comer. Os faquires, com suas artimanhas, encarregavam-se de arranjar mais párias. Por que seu cavalo, que lhe consumia uma despendiosa razão, também não poderia ser magnetizado? Por que não tentar abolir essa despesa?

O «talaipaca»

O «talaipaca» é um pássaro que adora o óleo da noz de côco e o lenço diz que não há nada melhor para levar um mortal ao sonho e à melancolia do que a terminável melodia que essa ave costuma arruinar na folhagem dos coqueiros, quando o caboclo se balança numa rede de tucum, respirando fundo o ar condicionado da noite...

O coronel Mindelo, usando e abusando de suas declarações monótonas e sem nenhum significado, prometendo, numa sinfonia inacabada, que não consentirá subir o preço do que está subindo e jurando que não faltará o produto que já está faltando, em matéria de hipnotismo, parece que está metendo num chinelo o talaipaca, comedor de óleo, as cobras que engolem sapos, o veado que magnetiza a cobra...

Com essas conversas para criança dormir sem ceia, será que o comandante da COFAP conseguirá solucionar o problema da alimentação do Brasil?

Ou será que ele espera mesmo que um dia o povo brasileiro caia de costas em estado de catalepsia, para não pensar mais em comer?

Parece certo que o coronel está mesmo disposto a levar adiante as suas experiências magnéticas.

Essas práticas, porém, estão ultrapassadas. A teoria hindu está liquidada, indubitavelmente. Que o diga o Dalai Lama do Tibete. Ou o sr. Mindelo quer repetir conosco a anedota do cavalo do inglês?



A cidadezinha onde moro lembra soldado que traqueasse na marcha e não podendo acompanhar o batalhão à beira do caminho se deixasse ficar, exausto e só, com os olhos saudosos pousados na nuvem de poeira erguida alem.

Desviou-se dela a civilização. O telegrafo não a põe à fala com o resto do mundo, nem as estradas de ferro se lembram de uni-la à rede por intermédio de humilde ramalzinho.

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lepidada, como os homens esquecem a atriz famosa logo que se lhe desbata a mocidade. E sua vida de vovó entredada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões.

Trazem-lhe os jornais o rumor do mundo, e Oblivion comenta-o com discreto parecer. Mas como os jornais vêm apenas para meia dúzia de pessoas, formam estas a aristocracia mental da cidade São «Os Que Sabem». Lembra o primado dos Dez de Veneza, esta sabedoria dos Seis de Oblivion.

Atraídos pelas terras novas, de feracidade sedutora, abandonaram a seus filhos; só permaneceram os de vontade anemada, de beiseira faquirianos. «Meameiros», que todos os dias fazem as mesmas coisas, dormem o mesmo sono, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, comentam os mesmos assuntos, esperam o mesmo correio, gabam a passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam — pitam longos cigarros de palha, mata-dores do tempo.

Entre as originalidades de Oblivion uma pede narrati-

va: o como da sua educação literária.

Promovem-se três livros venerandos, encardidos pelo uso, com as capas sujas, consteladas de pingos de vela — lídos e relidos que foram em longos serões familiares por sucessivas gerações São eles: La mare «Antenilde» Paulo de Kock, para uso dos conhecedores de francês; uns volumes truncados do Roembole, para enlevo das imaginações

OS TRÊS LIVROS MONTEIRO LOBATO

femininas; e *Ilha Maldita*, de Bernardo Guimarães, para deleite dos paladares nacionalistas.

O dono primitivo seria talvez algum padre morto sem herdeiros. Depois, à força de girarem de deus em deus, esses livros forraram-se à propriedade individual. Quem, por exemplo, deseja ler o *Roembole*, diz na rodinha da fama:

— Onde andará o Roembole?

Informam-no logo, e o candidato toma-o das mãos do detentor último, ficando desde esse momento como o seu novo depositário. Processo sumarríssimo e inteligente. Quando se esgotou minha provisão de livros e, ignorante ainda da riqueza literária da terra, delibei recorrer ao stock local, dirigi-me a um dos Seis. O homem enfundou-se de legítimo orgulho ao dar-me os informes pedidos.

— Temos obras de ilóego, poucas mas boas, e para todos os paladares. Gênero pândego, para divertir, temo, «por exemplo», *La Mare d'Antenilde*, de Paulo de Kock. Impagável!

— Obrigado. De Kock, nem a tuberculina.

lele, egênero imaginoso, infelizmente está incompleto; faltam uns dezessete volumes.

— Não me serve o resto. — E temos uma obra-prima nacional, a *Ilha Maldita*, do «nosso» Bernardo Guimarães.

Parando aí o catálogo, era forçoso escolher.

No conceito dos nossos romancistas, onde Alencar é o plano queirido das moças e Macedo a sensaboria relam-

bria dum flautin piegas, Bernardo é a santona. Lê-lo e ir para o mato, para a roca — mas uma roca adjectivada por menina de Sion, onde os prados são amagos, os vergéis floridos, os rios caudalosos, as matas viridentes, os pináculos altíssimos, os sabiás sonorosos, as rolinhas meigas. Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do mau contador. Não existe nele o vinco enérgico da impressão pessoal. Vinte vergéis que descreva são vinte perfeitas e inverificáveis amenidades. Nossas desajustadíssimas caipiras são sempre lindas morenas cêr de jambô.

Bernardo falsifica o nosso mato. Onde idda a gente vê carapatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta docuras, insetos maviosos, flores olientes.

Bernardo mente. Mas como mente menos que o Paulo de Kock ou o truculento Ponson, pai do Roembole, escolhi-o.

Veio o livro, volume velho como um monumento egípcio e como ele revestido de inscrições. Cada leitor que pas-

sava ia deixando o resto gravado a lapis.

«Li e gostei», dizia um. «Li e apreciei», opinava certa senhorita. Inscrção quase em cuneforme rezava: «Fulano leu e apreciou o talento do grande escritor brasileiro». Outro versificava: «já fol lido — Pelo Valfrido». Tal moça notara parcimoniosamente: «Li e assinou. Um amigo da ordem inversa pôs: «Li e muito gostei».

Houve quem discordasse. «Li e não gostei», declarou um fulano.

O patriotismo literário dum anônimo salu a campo em prol do autor: «Os porcos preferem milho a pérolas», escreveu ele em baixo.

Monograma complicadíssimo subscrevia isto: O Roembole diverte mais.

E assim, por quanto espaço em branco tinha o livro, margens ou fins de capítulo, as apreciações se alastravam com levisimas variantes ao sóbrio «Li e gostei» inicial. Havia nomes bem antigos, de pessoas falecidas, e nomes das meninas casadeiras da época.

Os intelectuais de Oblivion bebiam à tarta naquela veneranda fonte. Em Bernardo abeberavam-se de «estilo e boa linguagem», conforme afirmou um; no Roembole trunca do exercitavam os músculos da imaginativa; e no Paulo de Kock, os eleitos, os Sumos (os que sabiam francês) fartavam-se da privoiserie permitida a espíritos superiores.

Essa trindade impressa bastava à educação literária da cidade. Feliz cidade! Se é de temer o homem que só conhece um livro, a cidade que só conhece três é de venerar. Veneração, entretanto, que não virá, porque o mundo desconhece totalmente a pobrezinha da Oblivion. (1908)

AMERICANOS ROUBARAM AS SEMENTES DE UMA NOVA ESPÉCIE DE CACAU

ITABUNA (DO CORRESPONDENTE) — Continua repercutindo intensamente nesta cidade a denúncia publicada pelo «Diário de Itabuna», da venda de mudas de uma nova espécie de cacau aos norte-americanos. É a seguinte a denúncia feita pelo mencionado jornal: «Há muitos anos, três homens dedicados à nossa lavoura, os saudosos Bondar e Sôstenes Miranda e o atual chefe da Estação Experimental Pedrito Silva, conseguiram, em trabalhos pacientes, criar o tipo de cacau «catombo», ou seja, cacau branco, a maior especialidade na fabricação de chocolate fino, porque tem propriedades peculiares, sendo imprescindível aos artigos de luxo. O cacau «catombo» produz duas vezes mais que o cacau roxo ou comum. O preço do cacau branco também é duas vezes maior.

Indignação em Itabuna, em face do ocorrido — O cacau «catombo» é duas vezes mais produtivo e mais valioso que o roxo e já está sendo cultivado nos EE. UU.

Esta riqueza pertencia ao Brasil. Estamos plantando o «catombo» no recôncavo baiano. Nossa produção é pequena ainda e mudas estão sendo feitas em Urucuca para sua distribuição.

Sabem, porém, que aconteceu? Há pouco tempo, americanos estiveram em Urucuca e conseguiram, certamente a péso de dólares, milhares de sementes em condições germinativas. A mesma coisa que fizeram com a seringueira, com a laranjeira, repetiram agora com o cacau branco.

Sabemos que um engenheiro itabunense, revoltado com a cessão de mudas aos nossos concorrentes, conseguiu jogar um saco de sementes fora, mas em outro carro seguiu uma boa quantidade ainda.

Agora, o boletim da lavoura norte-americana informa que estão cultivando o cacau branco.

Apropriação pura e simples

O fato é comentado com indignação nesta cidade,

principalmente nos meios ligados à lavoura do cacau. Muitos argumentam: os americanos nos cobram os olhos da cara pelo uso de patentes e marcas dos seus produtos em nosso país, muitas das quais ninguém sabe se ainda não caíram no domínio público. Como divulgou a revista «Visão» — insuspeita, no caso, porque é norte-americana — somente em 1957 saíram do Brasil, para pagamento de royalties, patentes e assistência técnica, 350 milhões de dólares! Entretanto, esses mesmos «amigos», que não perdem vasa para proclamar o «destino comum» dos nossos países, aqui chegam e agem como se fossem donos deste país: apropriam-se do fruto do trabalho dos nossos pesquisadores e já sabemos o que nos espera amanhã: teremos dificuldades de vender o nosso próprio

cacau branco, porque os americanos — através de companhias suas em outros países tropicais — estarão também produzindo cacau branco, utilizando-se para isso das sementes levadas do Brasil!

Punição

O mesmo jornal informa, ainda, que o chefe da Estação Experimental está investigando para descobrir quem entregou as sementes aos norte-americanos, a fim de demitir da Estação, se ainda ali estiver. Concluindo, diz o jornal: «Esperamos o resultado das investigações e que todos estejam alertas contra os maus estrangeiros, os espíões, que estão agindo a favor dos seus países, contra nossa economia, contra nosso futuro».



UM DECÊNIO DO MOVIMENTO DA PAZ

O décimo aniversário da criação do Movimento Mundial da Paz será comemorado com uma sessão solene no dia 28 do corrente, às 20h30 horas, no salão nobre da A.B.L.

A solenidade será patrocinada por uma comissão composta, entre outras personalidades dos srs. deputados Domingos Volasco, João de Castro, Waldemar Pessoa, Salvador Louçã, José Silveira, Lúcio, Haer, Aluísio Afonso e dos srs. Abel-Chernom, Jorge Amado, César Cardoso, Du, Brancat Filho, Desembargador Henrique Fialho e Frota Moraes.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Escolhamos as seguintes contribuições de ajuda: Amigos de Curitiba, 500 cruzeiros; Em auxílio, 95 cruzeiros; Um amigo, 400 1.000,00; Trabalhadores de Triângulo, 600 720,00; Litor de Campo Grande, 500 cruzeiros.

GOLPE DO FATURAMENTO

ARACAJÓ (Do Correspondente) — O jornal «Gazeta de Sergipe», desta capital acaba de revelar as escandalosas negociações com arroz e milho, que estão sendo praticadas no Estado por agentes da COFAP mancomunados com a C O A P. Em virtude da gravidade da denúncia, já levada ao conhecimento do presidente do órgão estadual controlador de preços, do Presidente da República e do Congresso Nacional, a opinião pública, justamente indignada, aguarda a abertura do inquérito que virá provar, segundo afirma o jornal denunciante, a extensão das falcatruas e apontar os nomes dos criminosos.

A NEGOCIATA DO ARROZ

Recentemente, uma comissão da COFAP, atendida a um apelo do Bispo de Pernambuco (Alagoas), D. José Terecelro, no sentido de ser cobrada nos mercados necessitados o arroz armazenado nos municípios do baixo São Francisco, adquiriu o produto, anunciando que seria enviado aos grandes centros consumidores.

Afirma o jornal denunciante que esse arroz foi adquirido a um preço e faturado com um acréscimo de 40 cruzeiros em saca. Há quem afirme que algumas partidas foram faturadas com acréscimos até de 150 cruzeiros em saca. A quantidade adquirida pelos emissários da COFAP teria atingido o total de 45.000 sacas.

Na transação ilícita, admitindo-se que a majoração tenha sido somente de 40 cruzeiros em saca, os esperalhados da COFAP terão embolsado cerca de 1 milhão e

Pela Volta Do Partido Comunista à Legalidade

PRONUNCIAMENTO DE DEPUTADOS ESTADUAIS DE ALAGOAS

MACEIÓ (Do Correspondente) — Ouvindo deputados à Assembleia Legislativa deste Estado, o jornal «A Voz do Povo» colheu as seguintes respostas sobre a volta do Partido Comunista à legalidade:

DEPUTADO LUIZ COU-TINHO (PSP) — «O povo é quem julga os programas dos Partidos e só o povo pode condená-los ou aceitá-los; logo sou favorável à volta do Partido Comunista à legalidade».

DEPUTADO WALTER FLEUREDO (Aliança Socialista Cristã) — «Julgo estar-

mos num regime democrático onde todos têm o direito ao sul da vida democrática. Ora, se o PRP, que é um partido da extrema direita integralista, está na legalidade, logo não se justifica o Partido Comunista na ilegalidade».

DEPUTADO CLETO MARQUES (PRP) — «As idéias não morrem. De modo que a ilegalidade que se conferiu ao PCB, antes de fazer arrefoer o idealismo dos seus adeptos, serviu para fortalecê-los nas suas convicções. A democracia só será perfeita com a participação de todas as correntes».

DEPUTADO JOSÉ PEREIRA LÚCIO (UDN) — «Se todos os partidos no Brasil têm direito à vida democrática, não se justifica o impedimento do funcionamento legal do Partido Comunista».

DEPUTADO REMY MALA (PTB) — «A volta do Partido Comunista ao regime da legalidade para mim constitui apenas um imperativo do bom-senso e de equilíbrio democrático».

DEPUTADO JOSÉ LÉBO FERREIRA (PSD) — «Se nós gozamos da liberal democracia, naturalmente toda e qualquer partido poderá exercer livremente o seu funcionamento».

DEPUTADO JOSÉ BONIFÁCIO BEZERRA (Aliança Socialista) — «A volta do Partido Comunista à legal-

idade é natural, pois obedece mesmo às normas democráticas».

CURITIBA

Anulação Do Contrato Com a Cia. Telefônica

A subsidiária da Bond and Share não cumpre as cláusulas e escorcha o povo

CURITIBA (Do Correspondente) — Está sendo examinada, por uma Comissão designada pela Prefeitura, a revisão do contrato existente entre a Companhia Telefônica Nacional — subsidiária da Bond and Share — e a Municipalidade. A proposta do fato, o vereador Máximo Pinheiro Lima apresentou declarações à imprensa, reafirmando seu ponto-de-vista acerca da maneira como se tem conduzido aquela concessão dos serviços telefônicos da capital paranaense.

Pela anulação

Considera o vereador Pinheiro Lima, que também é professor da Faculdade de Filosofia de Curitiba, que deve ser anulado o contrato com a Telefônica. E argumenta: embora o referido documento seja em português favorável à concessão, não respeita as cláusulas que favorecem os usuários, ou seja, a população que é quem paga os serviços locais. Prosseguiu, declarou o vereador Pinheiro Lima que a Cia. Telefônica adquire material ao preço de 30 cruzeiros a dólar e impõe esse mesmo material aos usuários a 100 cruzeiros e até mais.

Quem aumento de 400 por cento!

Uma das pretensões da Cia. Telefônica Nacional é o aumento de 400 por cento nas tarifas dos seus serviços. A esse respeito, o vereador Pinheiro Lima afirmou que se trata de pretensão absurda, uma vez que, nos preços atuais, «o serviço telefônico de Curitiba já é o mais caro do Brasil».

Por fim o vereador manifestou sua confiança em que a Comissão, que ora estuda a revisão do contrato produzirá um trabalho justo e honesto que respeite as necessidades da população curitibana.

LATA D'ÁGUA (NOVAMENTE) NA CABEÇA

Texto e fotos do leitor Severino Luiz da Silva

GUARUJA (São Paulo) — O bairro Vicente de Carvalho, ex-Itapema, nesta cidade, sofre falta d'água há muitos anos. E em bairro operário, naturalmente. Os trabalhadores e suas mulheres e filhos perdem um tempo precioso carregando água. As vésperas das eleições o sr. Janio Quadros prometeu instalar uma bica. E o fez, realmente. Mas o trabalho foi de tal modo mal-feito que, passados alguns meses a bica já não funciona. E ninguém se lembra de converter a instalação. Mulheres e crianças voltaram à faina antiga — lata d'água na cabeça. O encanamento rebentado faz-se um charco. Volta a funcionar o velho tambor, exigindo uma extensa fila para apanhar água. As fotos ilustram bem o estado em que se encontram as coisas por aqui.

REPÚDIO A ROBERTO CAMPOS

APOIO DOS LÍDERES SINDICAIS DO AMAZONAS A UMA DECISÃO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

MANAUS (Do Correspondente) — O deputado estadual Roberto Jansen (UDN) pretendeu conseguir a aprovação de uma moção de apoio ao presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento, sr. Roberto Campos. A tentativa de solidariedade entreguista se transformou, porém, num autêntico tiro pela culatra. E que deu oportunidade a uma manifestação de repulsa à conduta do sr. Roberto Campos, pois a assembleia rejeitou o pedido apresentado pelo deputado idêntico.

REPERCUSSÃO

E não tem só isso. Divulgado o fato, os líderes sindicais, em reunião realizada na Casa do Trabalhador do Amazonas, decidiram, por unanimidade, votar a uma moção de aplausos aos deputados que tão patrioticamente rejeitaram o pedido de apoio ao entreguista Roberto Campos. Participaram dessa reunião os seguintes dirigentes operários: Manoel Antônio de Oliveira, presidente do Sindicato dos Portuários; Antônio Alves de Souza, presidente da Federação dos Trabalhadores da Indústria; América Louren-

Agentes Da COFAP Roubam 40 Cruzeiros Em Sacca De Arroz

800 mil cruzeiros, somente na compra feita nessa pequena região do baixo São Francisco.

A quadrilha veio chefiada pelo chefe do Abastecimento da COFAP, e com ela viajaram para comprar arroz o sr. Acrísio Cruz, presidente da COAP, o encarregado de compras, sr. Paulo Silva, e mais um cavalheiro, que dizem ser um juiz aposentado da cidade de Anápolis, no Estado de Goiás.

OUTRAS FALCATRUAS

A turma vem agindo há algum tempo, pois que semanalmente parte de Colegio (Alagoas) um trem carregado de arroz e com destino a Recife.

Anteriormente, havia sido verificado pelo Departamento de Abastecimento da COFAP que os produtores estavam entregando sacas de arroz contendo 2 e 3 quilos a menos. Com o objetivo de impedir que medidas de controle viessem pôr a perder o grande negócio que faziam os compradores pramo-veram uma visita do tal Chefe do Abastecimento a Pernambuco onde foi homenageado com um luto banquete regado a vinhos e muito

O escândalo estourou em Sergipe — Numa negociata ganharam quase dois milhões de cruzeiros — Prepararam nova falcatrua com o excedente da safra de milho

nisque. Durante o banquete realizado na sede do Tênis-Clube da cidade, tudo foi satisfatoriamente resolvido: a COFAP continuou a comprar arroz por um preço, a recebeu por muito mais e com a mesma onheira de 2 e 3 quilos em saca. E há mais ainda: as transações foram todas feitas à vista, para o que o desonesto chefe do Abastecimento tinha em seu poder uma carta de crédito de 45 milhões de cruzeiros. Conto ainda a lenda que o sr. Paulo Silva, diretor do Departamento de Compras da COFAP, está desistindo em todas de negócios que em negócios como esse costumava receber a base de 1 milhão e tanto de cruzeiros por semana.

MAIS UMA A VISTA

Os repórteres que desco-

beriram e revelaram a negociata do arroz alertam o povo contra uma outra em preparação: os membros daquela mesma comissão de compradores da COFAP, faturando no milho mais um alto negócio já terão comprometido aos produtores do Município de Penedo a disposição de adquirir o restante da safra passada. Isto é, cerca de 500 mil sacas em estoque e sem possibilidades de colocação. Tudo indica que a transação será feita nos mesmos moldes das outras efetuadas com o arroz.

A situação em que se encontra o presidente da COFAP, sr. Acrísio Cruz, que não pode ignorar os fatos denunciados, é bastante precária e o silêncio em que se mantém é tido como uma confirmação de culpabilidade nessa vergonhosa assalto ao povo sergipino.

PLANO CONTRA CARESTIA NÃO DEU CERTO

INDISPENSÁVEL A MUDANÇA DA POLÍTICA DO GOVÊRNO

Substituição de Lucas Lopes, Roberto Campos e Carrido Tôrres -- Resoluções da assembléia popular realizada em São Paulo

SÃO PAULO (Do Correspondente) — Considerando utópico e plano do governo federal para combater o alto custo da vida, a assembléia popular realizada no último dia 19, sob o patrocínio das entidades sindicais, populares e estudantis, resolveu intensificar a luta contra a carestia.



Dep. federal Salvador Romano Losacco, presidente do Pacto de Unidade Intersindical, que dirigiu os trabalhos da assembléia popular contra a carestia.

Após os debates, foram aprovadas, quanto à luta contra a carestia, as seguintes resoluções: 1 — Ratificar as sugestões contidas nos memoriais entregues ao presidente da República;

cessárias, levando em conta as sugestões já apresentadas ao chefe da Nação;



Deputado estadual Rocha Mendes, representante da Assembléia Legislativa na assembléia popular.



CONFERÊNCIA — Sobre o tema «Salário econômico», o deputado Sérgio Magalhães pronunciou, no dia 17 último, na sede do Sindicato dos Bancários, importante conferência.

LEIA E DIVULGUE «NOVOS RUMOS»

meios possíveis, esclarecendo sempre sobre as causas fundamentais da elevação do custo de vida;

5 — Exigir dos poderes competentes providências para minorar a inflitiva situação do povo, colocando no seu alcance gêneros alimentícios abundantes, nos melhores preços;

6 — Exigir a imediata diligência da política econômico-financeira do governo federal, inclusive a substituição do atual ministro da Fazenda, sr. Lucas Lopes, do presidente do BNDE, sr. Roberto Campos, e do diretor da SMOG, sr. Carrido Tôrres; e;

7 — Participar ativamente da 1.ª Convenção Estadual Contra a Carestia, a realizar-se nos dias 22 a 24 do mês vindouro, a fim de assegurar a elaboração de um programa de luta capaz de unir todo o

povo, visando, a congregar forças suficientes para obrigar os governos a atenderem os justos reclamos populares.

PROPOSTAS E MOÇÕES — Apresentadas durante os debates, foram aprovadas, entre outras, as seguintes propostas e moções: inclusão da demanda Sérgio Magalhães e moção Albino Doná na comissão coordenadora da luta contra a carestia; contra as experiências atômicas realizadas no Nordeste pelos Estados Unidos; contra a portaria que restringe a importação de livros didáticos; moção de pesar no ensejo da passagem de mais um aniversário de Getúlio Vargas; voto de louvor ao sr. João Goulart pelas suas recentes declarações nacionalistas e pelo disposto de levar a efeito a bandeira da reforma agrária.

O movimento grevista foi iniciado na cidade de Conquista, estendendo-se imediatamente a Jequié, e Feira de Santana. A tática adotada pelos líderes grevistas foi a de paralisar os veículos nos três grandes centros e obstruir as estradas.

Os grevistas reivindicavam uma redução de 50% nos preços da gasolina, peças e acessórios para veículos. Os dirigentes da parede ressaltavam que o movimento era um protesto contra a orientação adotada pelo governo no terreno econômico-financeiro, que leva a um encarecimento incessante dos artigos de importação, com reflexos inevitáveis na alta dos preços internos.

Os grevistas contaram com o apoio decidido da população das três cidades. O comércio, inicialmente temeroso, errou as portas, mas logo em seguida voltou a funcionar, hipotecando solidariedade aos autaviários. Sobretudo em Conquista, eram frequentes as visitas de apoio de elementos do povo, inclusive das famílias, aos locais de concentração dos grevistas.

Em Jequié, sede do Sindicato dos Motoristas, que dirige o movimento, diversas organizações sociais tomaram atitude favorável aos motoristas. Em Feira de Santana, os estudantes realizaram numerosos comícios e passeatas de solidariedade aos grevistas. Nestas cidades, clam-se pelas ruas cartazes e faixas contendo críticas à política econômico-financeira do governo.

Desesperado ante a extensão do movimento e a firmeza revelada pelos grevistas, que exigiam do governo uma solução imediata, as autoridades recorreram à ameaça de terror. Conquista foi ocupada por cerca de mil homens em armas, do Exército e da Polícia Militar, sob o comando do Major Rulz Artur, comandante da operação, que preparava suas forças, quando se estivesse em um campo de batalha e fosse desferido um fulminante ataque militar. Esse oficial recenou também as atividades dos jornalistas.

HISTÓRIAS PERIGOSAS

ANA MONTENEGRO Realizou-se na Itália, há cerca de três anos, uma reunião de mulheres jornalistas, de cuja agenda constou um item sobre a chamada literatura de estudo histórico-pseudo-romântico para moças, que moveu vivos debates. Essa literatura foi considerada como altamente perniciosa à juventude feminina.

Pneus e Acessórios Mais Baratos: Reivindicam Motoristas Baianos

SALVADOR (Do correspondente) — Cerca de 6 mil caminhões, 13 mil em Conquista, 2 mil em Feira de Santana e 600 em Jequié paralisaram completamente, por três dias, o transporte nas rodovias Bahia-Rio e Ba-2. A capital baiana foi assim bloqueada durante 72 horas, interrompendo-se ao mesmo tempo a tráfego rodoviário entre o norte e o sul.



Conquista foi o centro principal da greve. Assim ficou o Posto Fiscal daquela cidade baiana durante os dias da greve

Os grevistas reivindicavam uma redução de 50% nos preços da gasolina, peças e acessórios para veículos. Os dirigentes da parede ressaltavam que o movimento era um protesto contra a orientação adotada pelo governo no terreno econômico-financeiro, que leva a um encarecimento incessante dos artigos de importação, com reflexos inevitáveis na alta dos preços internos.

O movimento grevista foi iniciado na cidade de Conquista, estendendo-se imediatamente a Jequié, e Feira de Santana. A tática adotada pelos líderes grevistas foi a de paralisar os veículos nos três grandes centros e obstruir as estradas.

Os grevistas contaram com o apoio decidido da população das três cidades. O comércio, inicialmente temeroso, errou as portas, mas logo em seguida voltou a funcionar, hipotecando solidariedade aos autaviários. Sobretudo em Conquista, eram frequentes as visitas de apoio de elementos do povo, inclusive das famílias, aos locais de concentração dos grevistas.

COMPROMISSO DE JURACI — A cessação da greve, entretanto, não se deve apenas à pressão militar exercida contra os motoristas. Tão grande era a disposição de luta, que os grevistas talvez resistissem à violência. O término da greve se deve também a intervenção do governador Juraci Magalhães, cuja posse há ocorrer poucos dias depois de desafiado o movimento. Em mensagem dirigida aos grevistas o sr. Juraci

Magalhães fazia um apelo no sentido da cessação do movimento, comprometendo-se a logo que fosse empossado, defender junto ao presidente da República as reivindicações dos autaviários. Esta mensagem teve grande repercussão entre os motoristas, que aguardam agora do governador as medidas a que se comprometer. Contudo, até o momento não se conhece nenhuma providência adotada pelo governador baiano.

RESPOSTA AO LEITOR LUIZ SILVA MELO (Rio Largo-AL) — Agradecemos suas felicitações. Deixamos de publicar sua crônica porque trata apenas de uma saudação a NOVOS RUMOS. Receberemos com prazer sua colaboração através de informações, notícias, reportagens sobre fatos e problemas locais que tenham interesse nacional.

DARIO A. DE PAULA (Rancharia - RGS) — Aguardamos correspondência sobre a concentração que está sendo preparada em Assis. Suas perguntas foram encaminhadas ao redator de «Teoria e prática».

LEON (DF) — Tomamos nota de sua sugestão para ser reduzido de cinco para três cruzeiros o preço do jornal. As opiniões que temos de nossos agentes e correspondentes é de que o preço atual foi bem recebido, não constituindo obstáculo à difusão de N. R.

Dez Mil Favelados Defendem Seus Lares

Cerca de dez mil favelados, promissa assumida pelo ex-prefeito Delfino Cardoso, de defender a providência, nada foi feito nesse sentido. E agora, ressurgiu o problema, trazendo de novo a intranquilidade nos ares modestos dos favelados.

SUSPENSÃO PROVISÓRIA — Ante a iminência do despejo, os moradores de Santa Marta empreenderam outro movimento de grande amplitude congregando numa só corrente, em defesa dos seus lares, diferentes organizações e personalidades políticas. Por fim, entrevistaram-se, em numerosa e expressiva comissão, com o prefeito Sá Freire Myim, dele obtendo a promessa de que a Prefeitura

daria aos patrocinadores da ação de despejo um dos seus imóveis, como pagamento da indenização. Em seguida, comparecendo à presença do juiz da 22.ª Vara, os favelados comunicaram-lhe a resolução do prefeito, obtendo do magistrado um pronunciamento favorável à suspensão provisória do despejo.

Na curso das numerosas demarches empreendidas em defesa dos seus lares, os favelados estabeleceram entre si e com os moradores de outros morros, laços de estreita solidariedade e se preparam para exigir e obter da Prefeitura uma solução definitiva para o problema.

ANTONIO GERALDO DE CAMPOS COELHO (Juazeiro-SP) — As perguntas e problemas levantados em sua carta não comportam uma resposta na seção «Teoria e prática». Sugerimos que o amigo procure uma pessoa capaz de esclarecê-lo a respeito.

JOSEPH STALIN MARY BEZERRA (SP) — Agradecemos suas palavras de estímulo.

JOSE JERONYMO (Estação de Austin - E.R.) — Anotamos os dizeres de sua carta.

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXEDI — o poeta vaqueiro Nazaré do Maranhão, Vinte um do mês d'abril, Cumpade Manê Nastaco: A resposta vai aí. Fiquei munto satisfeito Cuns valentes cabiludo. Gente forte, gente honrada! Acabaro a cachorrada Dêsse Batista abiuôdo. O Norte vai, cada dia, Voltando à terra qui foi, Vive lumando a bênção Sem incontrá quem bencão. O pobe de nossas zona Tem a niërma vida do boi. Meu padim Cijo morreu. Morreu Antôe Consêeiro. Mas, aqui im Nazaré Tem um pastô verdadeiro: Padim Zé Bruno qui cura Tôda e quarqué criatura Qui venha sê seu ruméro. Quagi quatô mi pessoa Tôo vivendo im Nazaré. O povo morre de fome, Porém, cuberto de fé!

SEMANA EM FOTOS

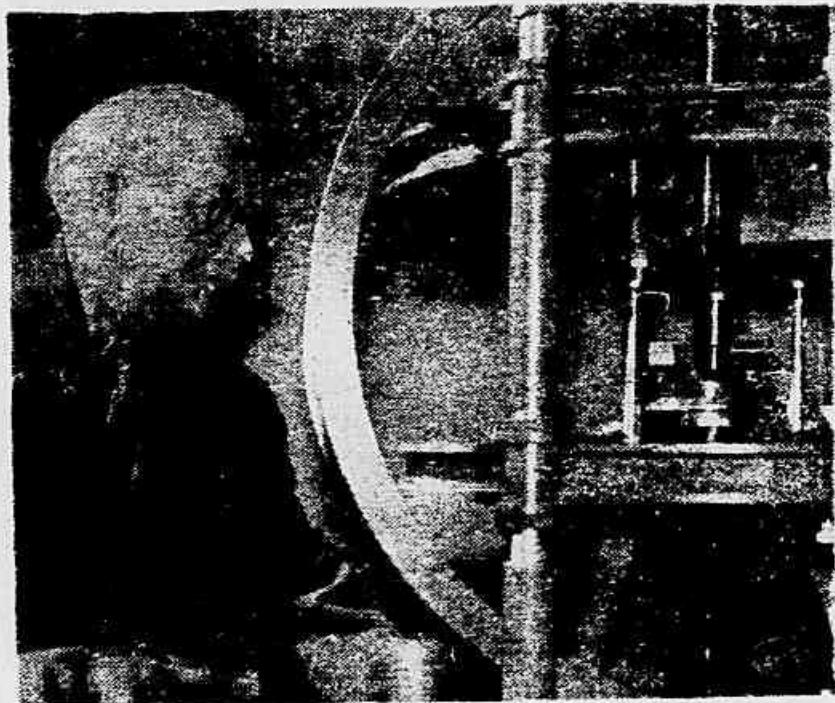


RACISMO — Entre as numerosas manifestações de protesto contra a discriminação racial de que foram vítimas desportistas brasileiros na União Sul-Africana, destaca-se a passeata (foto) realizada em frente à embaixada daquele país, por estudantes, e membros do Teatro Experimental do Negro e líderes sindicais. No flagrante vemos o estudante Raimundo Eirado, presidente da UNE, conduzindo o cartaz: Abaixo o racismo.



DESABAMENTO A VISTA

Com as paredes rachadas de cima a baixo, as casas da CAPFESP, situadas na Ilha do Governador, constituem um pesadelo constante para os seus moradores, que vivem ante a desesperadora expectativa de um desabamento fatal. Na foto, o presidente do Sindicato dos Aeroviários, sr. Othon Canêdo Lopes, quando examinava as moradias em ruínas. Leia reportagem na página 4.



MAGNETISMO DAS ROCHAS

O cientista soviético Kalachnikov, professor do Instituto de Física da Terra da Academia de Ciências da URSS, inventou um novo aparelho destinado a medir a atração magnética das rochas. Trata-se de um instrumento extremamente sensível, o mais aperfeiçoado no gênero até agora. O estudo do magnetismo das rochas tornará possível medir o campo magnético da Terra tal como era há um milhão de anos e a relação dos continentes em relação um ao outro e em relação aos polos geográficos.



SUCESSO DA FEIRA DO LIVRO

A já tradicional Feira de Livros da Cinelândia amplia-se de ano para ano. Transformou-se num acontecimento normal da vida da Cidade nos começos do outono. O número de barracas aumentou. E' maior também a afluência de compradores, não obstante os elevados preços do livro entre nós. Mas o desconto de 20% é um estímulo ao leitor. E as barracas estão sempre cercadas por uma pequena multidão, tanto de dia como à noite.

3 MAY 27
Copy 1960

D. JAIME E PRESTES

(3.^a página)

CLARE LUCE-EMBAIXADORA ESSO

(1.^a página)

ANO I — RIO, SEMANA DE 24 A 30 DE ABRIL DE 1959 — N.º 9

Govêrno e Empregadores Levam a CAPEESP à Falência

(4.^a página)

NOVOS RUMOS

REDACAO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1/12

DELGADO CHEGOU



Depois de passar quase 100 dias asilado na embaixada brasileira em Lisboa, o general Humberto Delgado chegou são e salvo a esta Capital. A vinda de Delgado para o Brasil foi uma vitória da opinião pública mundial, em particular do Brasil e Portugal, contra o tirano Salazar. Falando aos jornalistas brasileiros, logo após o seu desembarque o General Delgado afirmou que o salazarismo está com os seus dias contados. (Comentário na 8.^a pág.)

NESTA EDIÇÃO:

**Tiradentes —
símbolo da luta
pela independência nacional**

Texto na 3.^a página

*

Greve e Previdência: mutilação no Senado

Na 3.^a página

*

Fronzizi contra Frondizi

Reportagem na 2.^a página

